



O EVANGELHO DE MATEUS

**NUMA PERSPECTIVA
LITERÁRIA**

AUTOR
CLODOALDO DOS REIS AZARIAS



TERRIED





O EVANGELHO DE MATEUS

NUMA PERSPECTIVA
LITERÁRIA

AUTOR
CLODOALDO DOS REIS AZARIAS



TERRIED



1.ª Edição - Copyrights do texto - Autores e Autoras

Direitos de Edição Reservados à Editora Terried

É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte.



O conteúdo dos capítulos apresentados nesta obra são de inteira responsabilidade d@s autor@s, não representando necessariamente a opinião da Editora.

Permitimos a reprodução parcial ou total desta obra, considerado que seja citada a fonte e a autoria, além de respeitar a Licença Creative Commons indicada.

Conselho Editorial

Adilson Cristiano Habowski - ***Currículo Lattes***

Adilson Tadeu Basquerote Silva - ***Currículo Lattes***

Alexandre Carvalho de Andrade - ***Currículo Lattes***

Anísio Batista Pereira - ***Currículo Lattes***

Celso Gabatz - ***Currículo Lattes***

Cristiano Cunha Costa - ***Currículo Lattes***

Denise Santos Da Cruz - ***Currículo Lattes***

Emily Verônica Rosa da Silva Feijó - ***Currículo Lattes***

Fabiano Custódio de Oliveira - ***Currículo Lattes***

Fernanda Monteiro Barreto Camargo - ***Currículo Lattes***

Fredi dos Santos Bento - ***Currículo Lattes***

Guilherme Mendes Tomaz dos Santos - ***Currículo Lattes***

Leandro Antônio dos Santos - ***Currículo Lattes***

Lourenço Resende da Costa - ***Currículo Lattes***

Marcos Pereira dos Santos - ***Currículo Lattes***

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

O EVANGELHO DE MATEUS NUMA PERSPECTIVA LITERÁRIA [livro eletrônico] / CLODOALDO DOS REIS AZARIAS. -- 1. ed. --
Alegrete, RS : Editora TerriED, 2024.

PDF-

ISBN 9 7 8 - 6 5 - 8 4 9 5 9 - 5 8 - 3

1. Teologia

23-147990

CDD-370-1

Índices para catálogo sistemático:

1. Ciência da Religião 610.1



10.48209/978-65-84959-58-3



www.terried.com

contato@terried.com

(55) 99656-1914

¹O EVANGELHO DE MATEUS NUMA PERSPECTIVA LITERÁRIA

¹ Monografia apresentada à Coordenação do Curso de Bacharelado em teologia da Faculdade Evangélica do Piauí –FAEPI – como requisito parcial para a obtenção de título de bacharel em Teologia.

APRESENTAÇÃO

Pastor da Igreja Evangélica Avivamento Bíblico. Mestre em Ensino pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Licenciatura Plena em Pedagogia pela Faculdade de Pinhais. Bacharel em Teologia pela Faculdade Evangélica do Piauí. Graduação em Teologia - Seminário Evangélico Avivamento Bíblico.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a algumas pessoas especiais: Sebastião Carvalho Azarias (in memórian), meu pai, pelo exemplo de superação e inspiração de vida. Antonia Esteves Azarias, minha mãe, por sua força e dedicação para comigo em todos os momentos. Sonia Maria da Silva Azarias, esposa pelo apoio e compreensão durante a fase de mestrado, como em todos os momentos de minha vida, desde 1990. Natan Reis Azarias, filho primogênito, meu incentivador acadêmico. Ao Guilherme Reis Azarias, meu filho caçula pela parceria e bom humor.

RESUMO

O presente trabalho traz uma abordagem do evangelho de Mateus a partir de uma perspectiva literária visando demonstrar uma faceta alternativa da exegese bíblica, focando as personagens envolvidas nas narrativas bíblicas, o ambiente em que os textos foram escritos e a aplicação que se pode fazer a partir das premissas expressas. A proposta visa ainda apresentar parte do cotidiano da vida agrícola dos tempos mateanos dando assim uma correlação com as escolhas feitas pelos agricultores ao apoderar-se de uma plantação que não lhes pertencia, e por meio de extrema força bruta e demasiada violência usurparam o que era de outrem. A partir dessa leitura Jesus confronta a sociedade e sua ética, fazendo com que eles refletissem seus comportamentos. Com essa leitura pretendemos a partir desse gênero literário confrontar a prática dentro do contexto cristão sinótico que fundamentam um novo paradigma baseado no amor e no respeito seguindo os ensinamentos de Jesus. Com um olhar histórico salvífico apresentaremos para a cristandade hodierna uma proposta a partir da leitura de Mateus, em especial das parábolas, para uma vida rural (latifundiários e/ou sem terras), e mesmos para os citadinos vivendo nesse nos grandes condomínios de luxo, ou aqueles que vivem nas periferias em condições sub-humanas, a buscar uma metamorfose social levando a imperar a Fé, a Esperança e o Amor, sabendo de antemão que o maior desses paradigmas é o AMOR.

Palavras-chave: Evangelho de Mateus, gênero literário, exegese.

ABSTRACT

This paper presents an approach to the Gospel of Matthew from a literary perspective aiming to demonstrate an alternative facet of biblical exegesis, focusing on the characters involved in the biblical narrative, the environment in which the texts were written and the application that can be done from expressed the premises. The proposal also aims to present part of everyday agricultural life of mateanos times thus giving a correlation with the choices made by farmers to take possession of a plantation that was not theirs, and through extreme brute force and excessive violence usurped what was of others. From this reading Jesus confronts society and its ethics, causing them to reflect their behavior. With this approach we intend from this literary genre to confront the practice within the synoptic Christian context that support a new paradigm based on love and respect following the teachings of Jesus. With a saving historical look present for Christianity Today's a proposal from the reading of Matthew, especially the parables, for a rural life (landowners and / or without land), and same for city living this in the large luxury condominiums, or those living in the suburbs in subhuman conditions, to seek a social metamorphosis leading to prevail Faith, Hope and Love, knowing in advance that most of these paradigms is LOVE.

Keywords: Gospel of Matthew, literaty genre, exegesis.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1. ANÁLISE DO CONTEXTO RELIGIOSO MATEANO.....	14
1.1 Saduceus um Grupo Apegado ao Poder.....	14
1.2 Os Fariseus e o Zelo Farisaico.....	15
1.3 O Movimento dos Essênios.....	15
1.4 Os Partidários dos Zelotes.....	16
1.5 O Templo de Jerusalém e o Culto.....	16
2. ANÁLISE MATEANO DO CONTEXTO POLÍTICO.....	18
2.1 Judeia, um Centro Econômico.....	18
2.2 Samaria, um Povo Considerado Herege.....	19
2.3 Galileia das Nações.....	20
3. EVANGELHO DE MATEUS NUMA PERSPECTIVA LITERÁRIA.....	22
3.1 O origem do evangelho de Mateus.....	22
3.2 O evangelho como gênero literário.....	25
3.3 O evangelho de Mateus a partir de uma perspectiva literária.....	32
4. A ABORDAGEM DE MT. 21, 33-46 NUMA PERSPECTIVA LITERÁRIA....	38
4.1 Primeira aproximação e delimitação.....	38
4.2 Tradução bruta do texto.....	39
4.3 Quadro sinótico.....	40
4.4 Subdivisão do texto.....	42
4.5 Considerações sobre a redação.....	44
4.6 Análise das formas.....	48
4.7 Análise da Tradição.....	50
5. HERMENÊUTICA.....	53
5.1 Proposta Hermenêutica.....	56
5.2 Análise Teológica da Perícope.....	58
5.3 Contribuições do Redator Mateano.....	62
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	63
REFERÊNCIAS.....	67
SOBRE O AUTOR.....	69

INTRODUÇÃO

Os quatro evangelhos, descrevendo a preexistência eterna, o nascimento humano, a morte e a ascensão de Jesus, o Cristo, além de sua vida e ensinamentos apresentam uma personalidade viva dinâmica e única, Deus feito homem para realizar a redenção humana do pecado. Tradicionalmente é atribuídas inferências sobre o objetivo primário de todos os evangelistas, como por exemplo, o público de Mateus eram os judeus, o público-alvo de Marcos era primariamente os Romanos, e Lucas tinha em mente alcançar os Gregos.

Parece nos que Jesus teve a formação que qualquer judeu de sua época tinha: educado pelos pais, no seio da família e na sinagoga. Mas Jesus não teve outros estudos mais aprofundados, como é, por exemplo, o caso de Paulo, que estudou aos pés de Gamaliel At 22:3. Ele também não fazia parte da casta sacerdotal, “Jesus era leigo. Não era sacerdote nem levita. Não fazia parte dos quadros dos doutores da lei nem dos fariseus.

Procuramos olhar com lentes objetivas para fazermos uma leitura mais crítica focando o cenário político e sua práxis. O objeto de pesquisa será parábola dos vinhateiros, debruçaremos sobre ela a partir da visão Mateana.

Jesus tinha um jeito peculiar de falar com o povo simples e se fazer entender, mesmo falando de coisas complicadas, como compreender o que é o reino de Deus. Mas parece que esse jeito simples agradava bastante ao povo, pois as pessoas viam Jesus como aquele que ensina com autoridade: “as pessoas ficavam admiradas com o seu ensinamento, porque Jesus ensinava como quem tem autoridade e não como os doutores da Lei” (Mc 1,22).

Jesus não explicou diretamente sua experiência do reino de Deus. Ele com criatividade inesgotável, criava imagens, concebia belas metáforas, sugeria comparações e, sobretudo, narrava com graça e sabedoria parábolas que cativavam as pessoas. Em lugar de recorrer a ideias abstratas e frases complicadas, que o povo não entenderia com facilidade, preferia utilizar a linguagem do povo,

utilizando imagens do dia a dia, de pescadores, da lavoura, das festas do povo, entre outras.

Em Mt 13:44 Jesus compara o Reino do Céu a um tesouro escondido no campo. O homem que o encontra vende todos seus bens e compra aquele campo. E em seguida, em Mt 13:45-46 compara o Reino a um comprador que procura pérolas preciosas, e igualmente, vende todos os bens para comprar a pérola achada. Isto é, o Reino de Deus é um tesouro oculto que tem que ser encontrado. Mas é tão valioso que as pessoas que o encontram consideram que de nada valem todos os outros bens se comparado com o valor do Reino. Trata-se de uma oportunidade que ninguém deve deixar escapar.

O interesse pelo evangelho de Mateus se dá por inúmeros fatores, dentre eles, podemos destacar a redação e a forma com que é retratado o itinerário de Jesus em torno das cidades da Galileia. Chama a atenção, ainda, a forma com que Jesus de Nazaré, assume a missão do messias e a atenção especial que dá ao grupo dos discípulos que com ele caminham até os momentos finais de sua vida. Outro elemento que “salta aos olhos” é a forma redacional com que são tecidas as transições de cena e narração de eventos conectados com a história de Jerusalém pós-70 d.C.

A motivação que leva a propor um estudo a partir de uma abordagem literária do evangelho Mateus é sua conexão com o tema da economia e política, fortemente presentes nas parábolas do Reino. Não obstante, Jesus tece com isso contundentes críticas ao sistema de governo romano, bem como ao modo operandi dos grupos religiosos de sua época, sinalizando para a proposta do Reino de Deus, como antagônica ao sistema opressor e corrupto de Roma.

Ao longo da história cristã, Mateus foi abordado em diferentes perspectivas. Desde a legitimação de uma teologia judaica à sua completa superação. Nos quase dois milênios de cristianismo, houve espaço para vários enfoques, em diversos prismas distintos em torno de um mesmo objeto: o evangelho de Mateus. O que,

na verdade, aumenta nossa responsabilidade em fazer um trabalho que contribua tanto para os estudos posteriores, quanto para as aplicações no que tange ao universo eclesialístico.

Outra parábola que tem também mensagem de compaixão e misericórdia é a parábola dos trabalhadores da vinha de Mt 20:1-15. A parábola fala a respeito de diaristas que são contratados para trabalhar em uma vinha em diferentes horários do dia e no final da jornada de trabalho, quando o proprietário vai acertar as contas com eles, acaba pagando a todos a mesma quantidade. É uma das parábolas que com frequência revoltam, pois nem sempre se entende o proceder do proprietário, que representa o agir compassivo de Deus.

Os diaristas pertenciam às camadas mais baixas da sociedade. Agricultores despojados de suas terras levavam uma vida apertada e sem segurança alguma: às vezes mendigando, outras roubando e sempre procurando algum patrão que os contratasse, nem que fosse por um dia. A jornada de trabalho começa ao amanhecer e termina ao pôr do sol. Essa preocupação do evangelista fica evidenciada na estrutura que dá ao evangelho e por isso faremos uma análise literária.

1. ANÁLISE DO CONEXTO RELIGIOSO MATEANO

Do ponto de vista da religião, podem se distinguir vários grupos religiosos na época de Jesus. Os mais importantes são: saduceus, fariseus, essênios e zelotes. Vamos ver a seguir as características de cada um destes grupos, e também uma análise do templo.

1.1 Saduceus um grupo apegado ao poder

Este grupo recebe o nome de Sadoc, 1 Crônicas 6:8, sumo sacerdote em tempos do rei Salomão, do qual descendiam as grandes famílias sacerdotais. Pertenciam à classe economicamente alta e detinham também o poder político e religioso. Adaptavam-se ao domínio romano, inclusive chegaram a uma espécie de acordo não escrito: eles procuravam manter a ordem, ocupando os postos dirigentes, para que assim os romanos os deixassem tranquilos aceitavam a injustiça da dominação estrangeira contanto que não comprometesse sua posição.

Os saduceus, no que se refere à postura que adotavam com relação ao Império romano, eram colaboracionistas, pois pertenciam à classe dirigente, que era favorecida por eles. Do ponto de vista religioso, mesmo sendo a casta sacerdotal, não acreditavam na ressurreição, como é possível ver em Mt 22:23-30 que quem faz a pergunta a Jesus a respeito da ressurreição foram alguns do grupo dos saduceus (v.23). Os saduceus, que eram vinculados ao culto do templo, desapareceram após a destruição do Templo, no ano 70 d.C.

A respeito da relação que tinham com o povo, os saduceus praticamente não tinham influência sobre o povo. Eram, em geral, arrogantes com as classes populares. Segundo Mt 26:3-4, foram os saduceus os principais responsáveis pela condenação de Jesus: “Então os chefes dos sacerdotes e os anciãos do povo se reuniram no palácio de Caifás, o sumo sacerdote. Decidiram juntos que prenderiam Jesus com esperteza e o matariam”.

1.2 Os Fariseus e o zelo farisaico

Os **fariseus** constituíam um grupo formado em sua maioria por leigos devotos que se distinguiam pela observância da lei em seus mínimos detalhes. A fidelidade a Deus, para eles, consistia no conhecimento da lei e no seu cumprimento. Fariseu significa separado, pois se consideravam santos por cumprirem a Lei ao pé da letra. Os fariseus eram opositores dos saduceus e a partir da segunda metade do séc. I a.C. começaram a ter uma influência significativa no povo, a observância da lei lhes rendeu enorme autoridade junto ao povo. Seu trabalho de educação religiosa logo ganhou o respeito do meio popular.

Para o fariseu, entregue à observância de uma Lei em que vê plasmada a vontade de Deus, todo mandamento é igualmente importante, pois cada um expressa a mesma vontade suprema. O decisivo é obedecer a Deus, seja no que for; e toda a vida, até nos mínimos particulares, tem que ser exercício desta obediência. A obsessão de ser fiel ao pormenor eclipsa a relação pessoal com Deus. A relação homem-Deus se converte na relação homem-Lei.

1.3 O movimento dos essênios

Não existe consenso quanto à origem do grupo dos essênios. Mas normalmente são relacionados com as perseguições que os judeus sofreram na época dos Macabeus no século II a.C. Os essênios formavam uma seita que rompera com o sistema político e religioso; levavam ao extremo a tendência farisaica. Os fariseus eram o partido de oposição aos saduceus, mas respeitavam as instituições; os essênios, muito mais radicais, sustentavam que o culto e o templo não estavam purificados porque o sacerdócio era ilegítimo; eles esperavam que Deus os restaurasse.

Portanto, não participavam das cerimônias do templo, tinham seus ritos e cerimônias próprias. Não aceitavam a propriedade privada entre eles. Tentavam se preservar na pureza e era comum que não se casassem pelo escrúpulo decor-

rente das regras de ‘pureza da lei religiosa. Eram severíssimos na observância e tinham por princípio o amor aos membros da comunidade e ódio aos de fora. Viviam em comunidades nas margens do mar Morto. A comunidade mais importante era a de Qumrã, onde foram descobertos manuscritos com valiosas informações a respeito dos essênios.

1.4 Os partidários zelotes

Este grupo estava formado por pessoas contrárias à dominação romana, fanáticos nacionalistas, que agiam contra esse poder de maneira clandestina e na medida de suas possibilidades. Normalmente atuavam aproveitando as aglomerações de pessoas nas festas religiosas. Estes grupos de rebeldes que não chegavam a formar um movimento único, mais tarde foram chamados de zelotas. São assim chamados por seu zelo pela lei, por sua paixão pela liberdade. Os romanos lhes chamavam de bandidos, Mc 15:7.

Eram também chamados de sicários porque utilizavam uma sica, espécie de punhal, para lutar contra o poder de Roma At 21:38. O grupo era formado por pessoas das classes mais pobres e oprimidas. Opunham-se ao pagamento de tributos. Aceitavam as instituições, mas aborreciam os que ocupavam os cargos, considerando-os traidores por colaborarem com o poder estrangeiro. O partido era forte na Galileia entre os discípulos de Jesus, alguns tinham fama de serem revolucionários, como Tiago e João, que eram chamados filhos do Trovão Mc 3,17-19 e Simão Lc 6:15.

1.5 O culto e o templo de Jerusalém

O Templo foi construído por Salomão e posteriormente foi destruído por Nabucodonosor, quando da segunda e grande deportação para a Babilônia, no ano 586 a.C.. Quando o povo consegue voltar do exílio, em virtude do edito de Ciro (539 a.C.), o Templo é reconstruído pela comunidade judaica pós-exílica e,

posteriormente, o rei Herodes Magno iniciará uma reforma que começa no ano 20 a.C e acaba bem depois, por volta do ano 64 d.C.

O templo era motivo de orgulho para o povo. O aspecto artístico talvez até chamasse a atenção mais do que o estritamente religioso. O templo era ao mesmo tempo o centro político (o sinédrio funcionava junto ao templo), religioso e também econômico.

No templo se ofereciam sacrifícios a diário. E os judeus deviam se dirigir a Jerusalém para celebrar no Templo as três festas chamadas de peregrinação: Páscoa, Pentecostes e Tabernáculos (ou a festa das Tendas). O templo se sustentava graças às contribuições dos judeus de todo o mundo tinham que pagar o imposto anual para o templo equivalente a dois dias de trabalho Mt 17:24.

Jesus demonstra uma postura muito crítica perante o templo e não se deixava impressionar com seu luxo e ostentação. Ele preferiu a casa em vez do templo. No lugar do altar, escolheu a mesa. E em vez do sacerdócio, optou pela família, pela comunidade, como se pode verificar na Última Ceia, em lugar de levar um cordeiro no templo para ser sacrificado e celebrar a Páscoa, como era o costume da época, ele reúne-se com seus discípulos em uma casa e faz lá a celebração, sem passar pelo templo, pois o cordeiro pascal será ele mesmo Mc 14:12-16.

2. ANÁLISE MATEANA DO CONTEXTO POLITICO

Na época de Jesus o imperador romano era Octaviano (31 a.C – 14 d.C.), que recebe o título de Augusto, que significa sagrado, sublime. Augusto foi um imperador centralizador: Ele exercia, ao mesmo tempo, todos os poderes, assumindo o papel de cônsul, de príncipe, de imperador, de pontífice, de tribuno e de pretor. Intensificou também a política de pão e circo.

Outra característica do seu reinado era a propaganda da “paz romana”, mesmo que, na realidade, no Império Romano não reinava a paz, mas uma situação de paz aparente e violência camuflada e mantida na marra, por meio da opressão e da presença militar nos territórios dominados.

É nesse contexto que devemos entender as palavras de Jesus no evangelho de João: “Eu deixo para vocês a paz, eu lhes dou a minha paz. A paz que eu dou para vocês não é a paz que o mundo dá. Não fiquem perturbados nem tenham medo” Jo 14:27. Jesus quer deixar claro que a paz dele é verdadeira para não ser confundido com a propaganda enganosa do Império.

2.1 Judeia, um Centro Econômico

Na Judeia encontra-se a capital, Jerusalém, centro econômico, político e religioso da época. Outras cidades da região importantes nos relatos bíblicos neotestamentários são: Belém, Betânia, Jericó, Hebron, Emaús, entre outras. Os judeus (da Judeia) achavam-se superiores aos habitantes das outras regiões da Palestina, que consideravam hereges e infiéis. Nos evangelhos encontramos várias passagens que refletem esse complexo de superioridade atitude reprovada por Jesus.

Jesus desenvolveu sua missão preferencialmente na Galileia. Tinha bons amigos na Judeia, como, por exemplo, Maria, Marta e Lázaro, em Betânia. Mas, parece que Ele tinha orgulho da sua origem e nunca escondeu que era Galileu.

Esta região ficou sob o domínio de Arquelau, filho de Herodes Magno, após sua morte. O governo dele caracterizou-se pela tirania Mt 2:22.

Foi deposto no ano 6 d.C. e Pôncio Pilatos foi nomeado procurador romano da região. As pessoas de todas regiões segundo Mateus saíam para ver, ouvir, estar próximas de Jesus: “E seguia-o uma grande multidão da Galiléia, de Decápolis, de Jerusalém, da Judéia, e de além do Jordão” Mt 4:25. Ainda essa geografia é segundo o texto Mateano usado por Jesus para fazer os seus discursos sobre a vinda do Reino. vejamos: “E aconteceu que, concluindo Jesus estes discursos, saiu da Galiléia, e dirigiu-se aos confins da Judéia, além do Jordão” Mt 19:1.

2.2 Samaria, um Povo Considerado Herege

Samaria é a região do centro e, uma vez deposto Arquelau, ficou também sob o domínio de Pôncio Pilatos. Os judeus (da Judeia) eram inimigos dos samaritanos, mesmo que a Judeia e a Samaria eram regiões vizinhas, judeu não se relacionava com samaritano, considerado herege e impuro. João, no evangelho que leva seu nome destaca a visão conceitual que os Judeus tinham em relação aos Samaritanos ao ponto de considera-los possesores por demônios: “Responderam, pois, os judeus, e disseram-lhe: Não dizemos nós bem que és samaritano, e que tens demônio?) Jo 8:48.

Mas Jesus faz questão de colocar os samaritanos como exemplo de solidariedade em várias ocasiões nos evangelhos. Vejamos algumas passagens: Em Lc 17:11-19, um samaritano é colocado como exemplo de gratidão. Jesus cura dez leprosos, mas só um volta para agradecer.

E o texto faz questão de destacar que se tratava de um samaritano (versículos 16 e 18). Em Lc 10:29-37, parábola do bom samaritano, Jesus está explicando quem é o próximo. Fala de um homem que estava quase morto e é encontrado em primeiro lugar por um sacerdote e depois por um levita, os dois da Judeia, pessoas vinculadas ao culto do Templo. Mas nenhum dos dois deu socorro àquele

homem, enquanto que um samaritano fez tudo o que pode por ajudá-lo, inclusive deu dinheiro para pagar a pensão do estranho. Esse samaritano é colocado como exemplo de misericórdia e amor ao próximo.

Outro texto interessante é o capítulo quatro do evangelho de João, TRATA-SE do encontro de Jesus com a samaritana. Vejamos: “Disse-lhe, pois, a mulher samaritana: Como, sendo tu judeu, me pedes de beber a mim, que sou mulher samaritana?” (porque os judeus não se comunicam com os samaritanos) João 4:9. Ao conversar em público com uma mulher samaritana anônima, Jesus rompe, ao mesmo tempo, com os preconceitos étnicos, de gênero, de religião e de moral, pois na época não se entendia que um homem falasse em público com uma mulher, muito menos uma samaritana, e ainda por cima, uma mulher de reputação duvidosa.

Assim não estranha à reação dos discípulos quando viram Jesus conversando com ela: “Nesse momento, os discípulos de Jesus chegaram. E ficaram admirados de ver Jesus falando com uma mulher” Jo 4:27. E no final o texto diz: “muitos samaritanos dessa cidade acreditaram em Jesus, por causa do testemunho que a mulher tinha dado Jo 4:39, isto é, aquela mulher samaritana vira testemunha e por causa dela outros muitos samaritanos viraram discípulos.

2.3 Galileia das Nações

Na Galileia, situada ao norte, está situada Nazaré, aldeia onde Jesus morou com Maria e José e onde passou maior parte de sua vida. Também pertencem a esta região outras cidades conhecidas dos evangelhos, Caná, Cafarnaum e Magdala.

Nazaré pequena aldeia onde alguns de seus habitantes viviam em cavernas escavadas nas encostas e a maioria em casas baixas e primitivas em geral só tinham um cômodo, no qual se alojava e dormia toda a família, inclusive os animais. Em geral as casas davam para um pátio que era compartilhado por três ou quatro famílias do mesmo grupo, e onde transcorria boa parte da vida doméstica.

Após a morte de Herodes Magno, esta região ficou sob o poder do seu filho Herodes Antipas, responsável pela morte de João Batista (Mt 14). Era uma região fértil havia grandes extensões de terra para o cultivo de cereais. Nesses latifúndios trabalhavam diaristas, escravos e pastores. Jesus conta algumas parábolas que refletem essa realidade, como veremos nesse trabalho. Esta região tinha má fama para os judeus, por considerar que era um povo misturado, gentil e infiel. Vejamos algumas passagens que refletem isso Jo 1,46: “disse Natanael, de Nazaré pode sair coisa boa?” Jo 7:52.

O que podemos é deduzir um pouco da vida que Jesus levou, como decorrência lógica da cultura da época. Acreditamos que quando se trata deste assunto, que durante a maior parte de sua vida, Jesus compartilhou a condição da imensa maioria dos homens, uma vida cotidiana sem grandeza aparente, vida de trabalho manual, vida religiosa judaica submetida à Lei de Deus, vida na comunidade. Apesar disso, Jesus andava por toda a Galileia, ensinando em suas sinagogas, pregando a Boa Notícia do Reino Mt 4:23.

3. EVANGELHO DE MATEUS NUMA PERSPECTIVA LITERÁRIA

3.1 O Origem do Evangelho de Mateus

Pelo fato de Mateus não incluir declarações diretas acerca de seu propósito em escrever o evangelho, todas as tentativas de identificar são inferências extraídas dos temas que ele aborda e da maneira como trata certos temas em comparação com a maneira como os outros evangelhos tratam temas semelhantes.

A pesquisa sobre textos bíblicos, de forma geral, e os evangelhos, de forma particular, começa pela difícil tarefa da datação. Ela é imprescindível para a compreensão dos eventos descritos na obra, facilitando sua investigação e abordagem científica. No caso do evangelho de Mateus, a hipótese mais aceita, é que sua origem esteja por volta dos anos 80 e 90 d.C, baseado na proposição de que seja posterior ao evangelho de Marcos (MYERS, 2002).

Outro argumento a favor dessa datação é a maneira com que são descritos os eventos, a partir da perspectiva do grupo com o qual Jesus estava envolvido. Algumas passagens tratam do momento em que os distintos grupos vigentes na Palestina do primeiro século, confrontavam-se em busca de proeminência nos anos posteriores a guerra ocorrida contra os romanos (SALDARINI, 2000). Ainda, no que diz respeito à fixação do texto, os estudiosos mais respeitados sobre o tema, afirmam que Mateus, tenha sido mesmo, escrito por volta dos anos 80 e 90 d.C. Isso corroboram as assertivas de Overmann (1997); Freyne (1996) e Luz (2005). Sendo que a controvérsia maior tema de discordâncias quase intermináveis, se dão em torno de sua localização geográfica.

Há nos meios acadêmicos, uma hipótese considerada tradicional para a localização do evangelho de Mateus situando-o em Antioquia. Tal posição foi ex-

pressa de forma ampla e minuciosa, na obra de Carter (2002)². O autor se dedica a fundamentar seus argumentos na história patrística em conexão com algumas passagens do evangelho e outras tradições não canônicas, como o evangelho de Pedro e a *Didaquê*.

Para Carter, o pano de fundo do evangelho se explicaria pela situação da comunidade de Mateus frente ao império romano, aproximando a narrativa de uma estrutura deuteronomista, que entende os fatos históricos como juízo divino concretizando-se. Dessa maneira, o regime romano estaria sob o controle de divino, por exemplo, na destruição de Jerusalém. Nessa perspectiva o autor, trabalha numa lógica *teogônica*³, sendo às questões antropológicas legado o papel secundário na determinação dos acontecimentos (CARTER, 2002).

Nossa opção metodológica, em contraposição à teoria tradicional, sugere a Galileia como o local de origem do evangelho de Mateus, corroborando a posição de Freyne (1996) e Overmann (1997). De acordo com essa linha de abordagem, a justificativa por situar Mateus na Galileia dá-se pelo fato de ser esse o espaço geográfico que retrata os conflitos mais acirrados de Jesus com as sinagogas, os mestres judeus e por fim com o Império, numa perspectiva antropológica.

Seguiremos a tese de Overmann (1997) de que a composição do texto de Mateus se dá no período pós-70 d.C com a emergência do *judaísmo formativo*, ou seja, um processo de consolidação do judaísmo e sua busca contínua por afirmar-se como forma de garantia da existência desse grupo. Como desdobramento de tal movimento, surgiu o judaísmo rabínico, que se concentrou na região da Galileia e esforçou-se constantemente para combater os grupos sectários existentes no período.

2 Além de Carter, outros autores defendem essa hipótese. Dentre os quais se destacam: KÜMMEL, W.G., *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Paulina, 1985; CAMACHO, F.; MATEOS, F. *O Evangelho de Mateus*. São Paulo: Edições Paulinas, 1993.; MAZZAROLO, I. *Evangelho de São Mateus*. Ouvistes o que foi dito aos antigos...? Eu, porém, vos digo...! Coisas velhas e coisas novas! Rio de Janeiro: Mazzarolo editor, 2005; KOESTER, H. *Introdução ao Novo Testamento*². História, cultura e religião no período helenístico. São Paulo: Paulus, 2005.

3 A teogonia pode-se entendida pela explicação teológica de eventos políticos e sociais. Dentro dessa perspectiva os acontecimentos históricos estariam na lógica do propósito divino, excluído a correlação das forças sociais e a intervenção humana no curso dos eventos.

Como partimos de uma lógica investigativa, torna-se difícil afirmar de forma contundente que a alternativa que se faz por definir um caminho é inequívoca. Entretanto, nos baseamos em hipóteses plausíveis que, levando em consideração os aspectos do texto e o contexto em que possivelmente foi escrito o evangelho sustentam nossa premissa.

Quanto à proveniência do lugar de origem do Evangelho, a certeza é impossível. No entanto, há características do Evangelho que sugerem algumas possibilidades. Levando-se a sério a luta contra o judaísmo formativo, como faz este estudo, praticamente se assegura uma proveniência palestina. Tanto o judaísmo formativo como seu sucessor, o judaísmo rabínico, eram palestinos de origem. Na Palestina, a Galiléia é uma opção atraente, por causa do papel central que desempenhou no judaísmo rabínico primitivo. Apenas isso, porém, não aponta para a Galiléia. Há outras características a ser consideradas (OVERMANN, 1997, p.156-157).

As demais características, de acordo com Overmann, é a demasiada concentração de Mateus na Galileia, que parece ser um reflexo do ambiente de seu mundo; os embates com os fariseus que são apresentados nos limites da Galileia e a competição com o *judaísmo formativo* que se dá também na Galileia.

Após definirmos a localização geográfica, concentraremos em pontuar o ambiente em que o texto é proveniente, isto é, se o evangelho é fruto do meio rural ou urbano. Uma vez que, precisamos definir essa premissa para fazer as inferências necessárias em relação às descrições e citações dos personagens descritos em sua narrativa.

Optamos por seguir na linha dos estudos de Stegemann (2004), em que o evangelho é situado no ambiente urbano, provavelmente formatado numa cidade-estado da parte norte da província romana na Palestina. Outros indícios para essa linha de abordagem são os incentivos ao pagamento de dízimos aos sacerdotes, que aponta para uma prática comum na Galileia até o momento da composição do texto. Essa conexão faz com que a hipótese mais plausível seja mesmo a Galileia urbana e não a Síria com sugere a abordagem tradicional.

A trama que envolve a história de Jesus de Nazaré traça-o com o perfil de *tekton* ou filho de *tekton*, que traduzido significa carpinteiro, ou pedreiro, uma

vez que, comumente os habitantes das circunvizinhas de Nazaré, prestavam serviços na construção civil na expansão do espaço urbano, sob a égide do império romano (LIMA, 2010). Há nesse, sentido, a probabilidade da redação do evangelho estar ligada ao ambiente urbano efervescente no período, sobretudo porque a cidade de Séforis despontava nessa época como a primeira capital do governo Antipas que, consideramos ser, dentro das limitações metodológicas, contemporâneo ao nascimento do evangelho de Mateus (CROSSAN, 2004).

Os grandes embates de Jesus com aqueles que viam nele um opositor ao sistema de governo e fazer religioso sempre se deram na *urbes* romana, deixando claro que as mudanças percebidas nos discursos daquele *tekton* ou filho de *tekton*, ou seja carpinteiro ou filho de carpinteiro ameaçava a segurança ou o status dessa segurança confortável proporcionadas pelo sistema político/Religioso de então.

Definidas as questões de datação, localização geográfica e ambiente em que foi composto o evangelho, nossa tarefa posterior será destacar a composição do gênero evangelho como recurso literário utilizado, pelo autor do evangelho de Mateus, para retratar a realidade histórica da Galileia e sua relação com a política da *urbes* romana.

3.2 O evangelho como gênero literário

A história da humanidade é marcada por suas produções sociais e culturais. Isso pode ser observado quando se faz um levantamento das civilizações e seu legado para as gerações posteriores. Mesmo as civilizações que não dominavam a escrita guardam suas tradições de forma oral. Como por exemplo, algumas tribos africanas e seus *griots*, contadores de histórias, e as remotas tribos indígenas existentes no mundo.

Aos povos que passaram a dominar a técnica da escrita coube descrever os fatos de formas diversas que, em alguns casos carregam consigo componentes históricos, estéticos e ideológicos. São assim, os casos de *Iliadae Odisseia*, a *Epopeia de Gilgamesh*, e outras tantas literaturas componentes do mundo antigo.

Todas as considerações, que se podem fazer, sugerem um meio ambiente tipicamente judaico-cristão e rabinico-farisaco.

O meio cultural, no qual a tradição exclusiva foi conservada e pela qual a restante tradição foi, em parte, influenciada, é judaico-cristã. Este cristianismo judaico-palestino está, de um lado, em certa união e solidariedade com o judaísmo e, de outro, em polemica, de aspereza crescente com seu caráter farisaico-rabínico. A Bíblia como um livro escrito dentro das limitações temporais e espaciais, sofre as influências de diversos grupos que a compuseram, revelando em algumas passagens os conflitos existentes entre esses grupos, assim como, o caráter ideológico de determinadas circunstâncias históricas. Conforme ressalta Abadía.

Tanto o Antigo como o novo Testamento são o resultado da interação de diversos grupos e partidos, com interesse e pontos de vista particulares. Seria ingênuo pensar que todos os israelitas (durante mais de um milênio) e todos os cristãos do primeiro século e começos do segundo formavam um bloco ideológico monolítico. (ABADÍA, 2000, p.31).

A importância da abordagem da Bíblia sob o prisma da crítica literária se dá pela possibilidade de desvelamento e melhor entendimento dos conflitos e contradições expressas em diversas passagens, assim como, as abordagens distintas em relação ao mesmo objeto. No que tange ao Novo Testamento, ela possibilita a descoberta das “diferenças notáveis entre as comunidades paulinas, petrinas e tiaguinas, mateanas e lucanas” (ABADÍA, 2000, p.31), quando, tratam de Jesus de Nazaré e seu movimento.

No cânon *neotestamentário* há quatro gêneros literários. As cartas, o Apocalipse e Atos dos Apóstolos e os evangelhos. As Cartas dividem-se entre pastorais e orientações doutrinárias. Há pesquisas que apontam algumas cartas como coletânea de bilhetes (KÜMMEL, 1985), mas de forma geral os termos carta e epístola compõem o mesmo gênero literário no que tange ao conteúdo, sendo o debate maior centrando-se em torno das formas (KOESTER, 2005).

O Apocalipse de João constitui-se, numa literatura com características de “ascensão da alma, tratados astronômicos, narrativas sobre o final dos tempos,

oráculos contra povos estrangeiros, exortações contra a opressão dos pobres, discurso de despedida de patriarcas, entre outros” (NOGUEIRA, 2008, p.13), comum na literatura judaica que passou a integrar “cânon cristão”. Atos dos Apóstolos não seria propriamente uma narrativa, mas uma epopeia, a semelhança das epopeias gregas e latinas. Helmut Koester pontua que :

(...) o modelo literário da obra de Lucas foi a antiga epopéia grega recriada na obra latina *Eneida*, de Virgílio. A epopéia é um esforço político e intensamente carregado de oferecer a uma comunidade a história da sua fundação. Como a *Eneida* de Virgílio está relacionada com eventos lendários da Antiga Tróia, onde seu herói, Enéias, tem sua origem, assim o herói de Lucas-Atos, Jesus de Nazaré, é apresentado como herdeiro das antigas profecias de Israel (KOESTER, 2005, p.55).

Já os evangelhos compõem o uma espécie de biografia de Jesus e seu movimento iniciado na Galileia, sendo sua vida, o foco principal a ser retratado. Os quatro evangelhos parecem não ser nem história da vida de Cristo e nem uma biografia Dele. Mas, parecem mais retratos da Pessoa e Obra do Messias prometido, Rei de Israel e Salvador do Mundo. O parece-nos que os evangelhos, em seu retrato de Jesus, na perspectiva dos quatro escritores apresentam Jesus como o Cristo, Rei, Servo, Homem e Deus.

Há uma apresentação tri focal na ação Ministerial de Jesus. Nos quatro relatos há “uma estrutura básica que procede da tradição: começa com o batismo de Jesus, continua com sua vida pública (atos e palavras) e termina com o relato de sua paixão, morte e ressurreição” (ABADÍA, 2000, p.58).

Nesse sentido, esse gênero literário, tem como foco a transmissão da mensagem de Jesus e sua proposta do Reino de Deus como alternativa ao sistema político-ideológico, opressor romano.

Não há nada semelhante no Antigo Testamento ao gênero literário evangelho – componente do Novo Testamento – sendo ele uma novidade literária no que diz respeito ao cânon bíblico. “Poder-se-ia afirmar que o gênero literário “evangelho”, sem paralelos exatos na Antiguidade, seria uma subclasse do gênero biográfico greco-romano” (ABADÍA, 2000, p.82).

Nota-se que a influencia helênica na composição do cânon do Novo Testamento se faz presente explicitamente em dois gêneros, dos quatro apresentados: Atos dos Apóstolos e os evangelhos. Inicialmente, a transmissão dos ditos de Jesus e sua biografia ocorreram de forma oral. Não por falta de capacidade para registrar suas ocorrências, mas por uma questão ideológica das comunidades envolvidas.

A composição das narrativas organizadas de forma canônica levava em conta a realidade de cada comunidade específica. De forma que as narrativas envolvendo Jesus “formam marcadas pela necessidade e pela situação das comunidades cristãs. Foram as comunidades, e não o próprio Jesus que criaram as formas de tradição que preservou a memória de Jesus” (KOESTER, 2005, p. 65).

Pode-se com isso observar que o caráter ideológico ligado às questões sócio-políticas e o contexto cultural em que os textos foram escritos, emergem como fatores preponderantes para sua melhor compreensão e análise. Sendo elementos comuns nas mais diversas obras literárias que a humanidade já produziu, tendo elas caráter romântico, narrativo ou jornalístico. E não poderia ser diferente em se tratando da literatura bíblica.

A Bíblia não é uma exceção. Os escritos bíblicos surgem num contexto vital (histórico-social) concreto, que lhes dá sentido e finalidade. Os textos bíblicos refletem a complexidade de um mundo plural, cheio de realidades diferentes, que umas vezes entram em conflito e outras vezes estabelecem alianças. Mas, em todo caso, estão em íntima relação com esse contexto com o qual surgiram, por que a partir dele são construídos e a partir dele cobra sentido a intenção de seu autor ao escrevê-los. (ABADÍA, 2000, p.35).

As comunidades que compuseram os relatos sobre Jesus no gênero evangelho, estavam inseridas no meio cultural e religioso do povo judeu na Palestina do século I. Entretanto, paulatinamente o cristianismo, ultrapassou a fronteira palestinese, interpelando o universo helenístico-romano, fazendo com que os escritos sobre a vida de Jesus de Nazaré ganhassem outros componentes ideológicos inerentes às suas respectivas realidades (KOESTER, 2005).

Sendo assim, a abordagem literária não exclui o caráter histórico dos textos, mas procura identificar a intenção do autor em retratar determinadas realidades e algumas personagens componentes das narrativas. Entende-se que “para realçar todas as facetas apresentadas nas diferentes narrativas da história, uma abordagem orientada ao leitor parecer ser um experimento que vale a pena” (FREYNE, 1996, p.35-36).

Deve-se os avanços dos estudos literários bíblicos ao método da crítica da redação. Mas devemos pontuar que o objetivo maior desse método era satisfazer metas puramente históricas, como separar camadas de redação dos textos. A proposta da abordagem literária atentará para os conceitos de autor, implicado, narrador e leitor ideal, não para uma abordagem completa dos textos evangélicos a partir da resposta do leitor, “mas para se lembrar conscientemente de que, como narrativas, são narrações em vez de demonstrações” (FREYNE, 1996, p.32)

O projeto de Jesus Cristo contrapunha-se diretamente ao projeto do Império Romano. Muitas de suas parábolas tinham além do conteúdo do Reino, a conotação anti-império. Uma vez que as expressões “basileia tou qeou” ou ainda “Basileia tou uranou” fazem alusão direta a um Reino dentro de outro, ou ainda, um Reino dentro de uma lógica imperial perversa e totalitária. Por totalidade entende-se um sistema que não abre espaço para a alteridade, isto é, o outro, Nessa lógica as funções se legitimam e tudo se encerra dentro do mesmo.

Quando são anunciadas algumas palavras e sentenças por parte de Jesus, não se pode ter seu entendimento de forma unilateral como geralmente se faz, partido de uma premissa que ele estava somente focando as coisas espirituais e não levando em conta a realidade de anos de opressão que o povo judeu vivia sob os Impérios mundiais. No caso da Galileia do primeiro século, o Império em questão era Roma, que impunha uma política cruel de exploração e controle social, não abrindo espaço para resistência popular ou projetos que viessem a contrapor sua ideologia.

Podemos dizer que o Império Romano começa propriamente com a vitória de Otaviano (depois declarado Augusto) em *Actium*, no ano 31 a.C. A partir desse momento, a concentração do poder no ambiente do vencedor, a necessária adesão dos distintos setores da cidade capital da Itália e as diferentes províncias (nações, reinos, povos conquistados), bem como a adesão a seu governo dos diferentes estamentos (patrícios, populares), foi formando um conglomerado político que não encontrou oposição significativa (MIGUEZ, RIEGER, SUNG, 2012, p.18-19).

Por esses motivos a pregação e a mensagem de Jesus como um peripatético pregador ecoavam no meio camponês com muita aceitação. A fé ressignificada através de uma resistência social pacífica foi uma das formas que muito encontraram para vencer a sublimação de suas vontades, abrindo com isso um leque de possibilidades em relação às suas expectativas espirituais e sociais. Não obstante, o grupo dos zelotes configurar entre os escolhidos por Jesus depois de ter passado a noite em oração conforme relatam os evangelistas (Cf. Mt. 10,1-2).

A mensagem do Reino embora fosse pacífica tinha um caráter radical e violento. Violência que não pode ser identificada com nenhuma força física, mas pela força da ação, do discurso, da resistência e de filosofia pregada no sermão da montanha. Não há nada mais violento do que a paz em meio a uma sociedade bélica, pois isso Jesus foi preso torturado e morto com tanta brutalidade. Seu discurso despertava a ira e faziam com que a consciência dos governantes despertasse para o caos e a desordem que a falsa proposta do Império queria propagar.

O que levou Jesus a ser torturado e morto foram motivos políticos. Ele sofreu dois processos no sínédrio que com o aval de Roma consentiram em sua execução e morte. Ainda assim, a mensagem foi demasiado subversiva, pois seu caráter conseguiu transcender as barreiras do político e social entrando na intersubjetividade humana.

O caráter da mensagem cristã, que abarcam a morte e ressurreição de Jesus, gerou em seus discípulos uma mentalidade de resiliência que possibilitou enfrentar as barreiras e dilemas sofridos, abrindo novos horizontes e vislumbrando novas possibilidades de luta, uma vez que a mensagem e a militância não se en-

cerraram na cruz. Desta forma, vemos nesta atitude de Jesus uma imensa empatia para com a humanidade, quando dizemos que Jesus assumiu a humanidade, ele o faz de fato desde a vivência cotidiana.

Nazaré é a escola, onde Jesus aprende junto de “seu pai adotivo”, José, a arte da carpintaria, a obediência aos pais, apreende a cultura, a religião. É de fato um ser humano, inserido na realidade. Logo, não teremos um salvador alienado, esplêndido, glorioso. Mas um Deus que esvaziou-se de si mesmo, que abraçou a vida dos seres humanos na sua labuta diária e pode perfeitamente ver entender e interpretar o modo de fazer política daqueles que o cercavam. Ele tem a sensibilidade de ver além do óbvio, o teatro real diante de seus olhos.

Na tradição cristã, essa intersubjetividade emerge à vista na ressurreição de Cristo. Não se rendendo à execução desse Messias alternativo pelos poderes constituídos aparentemente onipotentes, o divino toma o lado daqueles contra os quais o tratamento de choque era dirigido, e assim, possibilita nova esperança. Embora a crucificação fosse real – Cristo não estava simplesmente em um estado de vida latente, mas morto e enterrado – a ressurreição frustra os esforços do Império Romano e dos sumos sacerdotes judaicos para aniquilar Jesus Cristo para sempre. O poder em ação nessa ressurreição não é a onipotência de cima para baixo, mas a resistência de baixo para cima que começa quando algumas mulheres não se rendem ao tratamento de choque da crucificação, mas agrupam-se ao lado da sepultura de Jesus, e quando se espalham a notícia do Cristo ressuscitado e reúnem o grupo disperso e desalentado dos discípulos na presença dele, às margens do Império na Galileia (...) (MIGUEZ, RIEGER, SUNG, 2012 p.221).

Por esse motivo vê-se que mais do que uma mensagem religiosa de cunho espiritual o cristianismo constitui-se em seu início um movimento revolucionário com caráter subversivo em toda sua mensagem, que começa com o evangelho – termo milita que conotava a vitória dos exércitos romanos sobre as tropas adversárias – e termina com a ressurreição – vitória da vida sobre a morte, ou ainda, da esperança sobre a violência e opressão.

Nesse sentido entende-se que Jesus tanto em seu ministério e em seus discursos teceu fortes críticas à realidade em que estava inserido, abrindo um horizonte de vida e liberdade num universo paralelo denominado Reino de Deus, que

não se pode deter em estruturas e movimento humanos. Não se identifica com sistemas ou personalidades políticas, mas começa dentro de cada pessoa que é impactada pela mensagem do evangelho e decide viver na comunidade espiritual liderada pelo Cristo.

Vejam! Nos textos neotestamentários a expressão “Reino de Deus” aparece 122 vezes. Deste número, 99 vezes ocorrem nos textos dos evangelhos sinóticos, isto é, Mateus, Marcos e Lucas. E destas 99 vezes que a expressão aparece nos sinóticos, 90 vezes estão na boca de Jesus. Quando alguém fala muito sobre um determinado assunto, podemos deduzir que este assunto é muito caro para ele. Da mesma forma vemos aqui: Jesus está querendo nos dizer que esta temática é importante e central em seu anúncio (RATZINGER, 2007, p. 58).

3.3 O evangelho de Mateus a partir de uma perspectiva literária

Quando mencionamos a abordagem do evangelho de Mateus a partir de uma perspectiva literária estamos, na verdade, “lançando mão” de um recurso recente na pesquisa bíblica do final do século passado, que passou a abordar os textos bíblicos a partir de uma lógica não confessional, encarando-os como um produto literário, com implicações que lhe são inerentes.

O que se denomina teoria literária ou abordagem literária do evangelho, diz respeito “a compreensão do texto e das técnicas retóricas empregadas para que a mensagem alcançasse seus leitores implícitos” (LIMA, 2014, p. 19). Essa metodologia não leva em consideração a complexidade dos textos bíblicos e sua composição, ao contrário, centra-se em sua história como unidade narrativa que possui um enredo, um narrador, que assume um ponto de vista comprometido com valores que lhe são peculiares, assumindo, inclusive posições próprias e que por conta disso constrói personagens, passando uma cosmovisão ao leitor (LIMA, 2014).

Sean Freyne em *A Galileia, Jesus e os evangelhos*, dedicam-se a tratar da tensão entre o enfoque literário e a investigação histórica que se construiu em torno das composições do evangelho como gênero literário. Para o autor, o evangelho é palco das disputas entre Jesus e os mestres judeus, sendo Jesus, desde a genealogia, apresentado como o filho de Davi, cumpridor das profecias messiânicas.

A trama possui um antecedente histórico ligado à política de dominação romana e os conflitos dela decorrente. Não se pode perder de vista a famigerada Guerra Judaica do ano 70 e a destruição de Jerusalém como ingredientes integrantes desse contexto.

O autor buscou fazer conexão com o leitor apontado para Jesus como personagem principal, vencendo todos os poderes e tentações do mal (Mt.4). Com isso o objetivo seria sinalizar o poder de sua mensagem e a inexorabilidade dos propósitos divinos para as pessoas que optarem por aderirem ao seu movimento (FREYNE, 1996).

A maioria dos embates ocorre na Galileia, sejam os momentos de ensino, sejam os sinais efetuados, ou ainda, os momentos em que Jesus reivindica para si autoridade. Percebe-se que há um “vínculo direto com outros momentos de ensinamento no evangelho, principalmente, pensamos, os grandes discursos, os quais todos, com exceção de um, são situados na Galileia” (FREYNE, 1996, p.78).

Não é sem motivo, portanto, que Jesus começa na Galiléia a sua atividade, tendo lá os primeiros sucessos, embora efêmeros. Da Galileia e através da Galileia o caminho de Jesus que o leva para Jerusalém local de sua paixão e morte.

Essa focalização na Galileia visa apontar para a região como símbolo da fé do grupo de Jesus, em contraposição a Jerusalém. Da mesma forma que Jesus aparece como o “anti-herói”, nas narrativas de Lucas, sobretudo em Atos dos Apóstolos (KOESTER, 2005). Há uma espécie de “contra-ideologia” sinalizando o valor subversivo dos ensinamentos de Jesus, a começar pelo lugar central de movimento – A Galileia ao invés de Jerusalém. Uma vez que “desenvolvendo

sua narrativa durante a fase galileia, Mateus conseguiu lançar um ataque contra Jerusalém como centro da fé judaica” (FREYNE, 1996, p.80). Com isso buscou estabelecer conexão com o leitor, apresentando o novo centro de referência no que diz respeito a fé no messias.

O autor busca a interlocução do leitor com a finalidade de comunicar uma mensagem, que não pode ser expressa diretamente, por isso se utiliza de recursos literários para retratar pontos de vistas, críticas e apologias de uma realidade de dominação e opressão imperial. “Dado que a literatura é um ato de comunicação, é o autor que imprime sua mensagem básica na obra” (ABADÍA, 2000, p.127). Nesse caso, o autor propõe que se reflita a construção de uma identidade a partir do ambiente marginalizado e espoliado e não a partir do centro político e religioso.

A busca pela interlocução com o leitor visa comunicar uma mensagem específica contra a dominação e uma proposta de vida sob os valores descritos como inerentes ao Reino de Deus. Para isso, a relação, emissor, mensagem, receptor é componente imprescindível no que tange na elaboração da obra literária. Sem o leitor, que é o receptor da mensagem, a obra literária não possui razão de existir.

A narrativa proposta em Mateus visa apontar para um modo de vida que denuncia a exploração romana e institui como regra de conduta a busca pela justiça. Para Mateus Jesus define a natureza e os limites do reino, as condições de entrada, suas leis, seus privilégios e recompensas. O sermão do monte estabelece a condição do reino. Repetidamente se lê: “Eu, porém vos digo”. Observando a reação do povo é possível perceber que eles foram impactados com o discurso de Jesus: “concluindo Jesus este discurso, a multidão se admirou da sua doutrina, Porquanto os ensinava como tendo autoridade; e não como os escribas, Mt”, 7:28,29.

A construção do personagem Jesus adquire conotações de mestre dialogando com os judeus e sendo também por eles arguido. Sua mensagem estaria explícita na expressão: a justiça do Reino. Por isso Ivo Storniolo ressalta que:

O Jesus de Mateus é, portanto, o Mestre da justiça. Com sua presença, palavra e ação, ele vai ensinando a comunidade a lutar pela justiça que liberta todos para uma vida digna. E isso não deve ficar dentro da comunidade apenas. Deve ser ensinado a todos, para que todos aprendam de Jesus qual é a justiça que Deus quer (STORNILO, 2011, p.15).

Entendemos, dessa maneira, que o propósito do autor do evangelho é apresentar o personagem Jesus como o cumpridor das profecias do Antigo Testamento, ensinando o caminho da justiça e denunciando as práticas corruptas do governo romano, retratadas de formas estereotipadas através de metáforas e metonímias, por exemplo, quando são postos os diálogos com os diversos grupos sociais existentes no período. São assim os casos dos fariseus e saduceus, representados nas narrativas de Mateus, por comportamentos indivíduos que podem ser aplicados ao coletivo sendo em alguns casos utilizados outros recursos como hipérboles e ironias (ABADÍA, 2000).

Freyne sugere que o componente histórico fundamental que fez com que a Galileia ganhasse *status* de proeminência, foi sua relação com o Império Romano. A região teria sido palco de desterros e desmandos dos governantes, e sua população expropriada e explorada pela prestação de serviços submetida, consequentemente, a alta carga tributária. “O impacto do reinado de Antipas na vida da Galileia que mais facilmente se deixa documentar são seus projetos de construção – a ornamentação de Séforis e fundação de Tiberíades, à beira do lago, provavelmente no ano 19 d.C” (FREYNE, 1996, p.122).

Tais empreendimentos somados a política exploradora de Roma, fez com que fosse gestado um sentimento de revolta e desprezo dos moradores da região da Galileia em relação ao governo e às instituições ligadas a ele. Como o templo de Jerusalém estava servindo de aparato do estado, a resistência foi inevitável.

Ao observar o mapa da Palestina nos dias retratados por Mateus fica fácil perceber o volume de atividades de Jesus na Galileia. Parece que a população oprimida, abandonada pelo governo, e também ignorada pelos líderes religiosos.

Os milagres relatados pelos evangelhos estão concentrados em sua maioria nessa região.

Por isso se justifica a construção dos personagens e suas respectivas disputas na Galileia e o confronto final em Jerusalém. Como todo o texto literário, o evangelho de Mateus se insere dentro de uma moldura em que a Galileia seria sua sustentação. Tanto o início, quanto o final do ministério de Jesus são retratados na Galileia, sendo o templo e Jerusalém, retratados como elementos opressores a favor da morte.

O autor de Mateus se utiliza de vários recursos literários de forma proposital, uma vez que é o criador da composição (ABADÍA, 2000). Seu esforço maior, em relação aos outros autores é reduzir sua participação narrativa como estratégia discursiva para dar proeminência ao protagonista de seu enredo (LIMA, 2014).

Dessa maneira o texto criado é ao mesmo tempo criador de personagens componentes de sua obra. Personagens esses que ultrapassam a pessoa empírica do autor. Já a narração desse enredo tem por objetivo sugerir a reflexão por parte do leitor sobre a relação narrativa-leitor. Numa lógica de reconstrução de uma realidade expressa por formas e recursos linguísticos que buscam desvelar e denunciar uma realidade histórica que, a história oficial tentou ocultar.

Quando Israel esperava seu messias, esperava logicamente a libertação e a soberania do Povo de Deus, em relação a todos os sofrimentos que já haviam passado ao longo da sua história. Fazendo uma breve retrospectiva, percebemos que o povo de Israel sempre esteve submetido a outros povos, foram egípcios, assírios, babilônios, persas, gregos, romanos. O exílio e a escravidão foram marcantes na história de Israel.

O Messias justamente era esperado é visto como aquele que vem para libertar. Instaurar o Reino de Deus, isto é, chegará o comando do Senhor. Deus irá governar seu povo, livrá-lo das amarras deste poder que destrói, escraviza, explora. Dizer que o Messias chegou, é dizer o Reino de Deus vai ser implantado. Mas que Reino é este?

Será esta concepção política-religiosa de Reino que Jesus vai pregar? Esta espera era tão significativa para os judeus, que havia grupos como os zelotas, que acreditavam no Messias como um grande general de guerra que iria conduzir o povo à vitória através da violência.

No texto Mateano As Boas Novas, ou seja, o Evangelho é anunciado de modo todo especial para os pobres e oprimidos. Dizemos isto porque, os surdos ouvem, os cegos recuperam a vista, os coxos andam e os pobres recebem a Boa Notícia. Claramente vemos aqui uma ruptura com o pensamento judaico, pois, ensinavam que essas pessoas não passavam de malditos perante Deus.

O Reino de Deus é o oposto do reino da riqueza, das terras em abundância. Assim, um coração solidário e de partilha manifesta este Reino querido pelo Senhor. O Reino de Deus se contrapõe ao prestígio da época de Jesus. A ostentação perpassava a vida religiosa e social. Logo, a característica mais forte do Reino de Deus é o serviço, o último lugar. De forma concreta, o Reino vai aparecendo, vai tornando-se uma realidade em nosso meio.

Claro que isto não é o todo do Reino. Seria muito pouco, ter o Reino de Deus consumado já em ações terrenas e sociais. Não foi um anúncio agradável de forma unânime. Logicamente, os pobres e excluídos sentiram-se mais acolhidos, incluídos, mas não só, com certeza, pessoas ricas também perceberam na fala de Jesus um convite à conversão e uma palavra de conforto que o judaísmo não estava oferecendo.

4. A ABORDAGEM DE MT. 21, 33-46 - NUMA PERSPECTIVA LITERÁRIA

Nesse capítulo aplicaremos os métodos exegéticos ao estudo da perícope de Mateus, 21, 33-46. Tal escolha se justifica por considerarmos essa uma parábola que trata do tema da opressão e violência, retratando de forma figurada a realidade social vivida pelos judeus do primeiro século palestino. Por se tratar de uma parábola extensa, focaremos as questões literárias do texto, sobretudo, nas que dizem respeito à opressão e violência. A violência parece fazer parte da vida humana, como reação de instinto e como intimidação para manter a supremacia ou ainda para usurpar o que de outro.

Veremos na parábola proposta a força bruta à insanidade para manter-se usurpando o direito e para isso lançando mão do uso da truculência da intimidação e assassinato. Esse viés é percebido na história perpassando pelas culturas em todas as épocas que se tem registro. Não sendo limitado aos bárbaros e/ou para defender a sobrevivência da espécie. Nossa proposta é apresentar a visão de Jesus diante dessa práxis humana, embora eles, os ouvintes primários de Dele não concordassem.

Ao perceber a leitura feita por Jesus pode aferir que sua intenção é confrontar as elites dominantes fazendo os refletir sobre seus atos e as consequências que seguia este ciclo: ocupação, usurpação e dominação.

4.1 Primeira aproximação e delimitação

A parábola dos vinhadores maus, como é conhecida a passagem abordada, está inserida dentro do contexto das três parábolas de Jesus dirigidas aos adversários naquilo que Luz denomina de “grande ajuste de contas de Jesus com os adversários no templo” (LUZ, 2003c p. 255). Trata-se de uma parábola que, juntamente com a parábola dos filhos 21, 28-32 e a parábola das bodas 22, 1-14, formam um conjunto homogêneo, sendo compreendido como unidade 21, 23 - 22, 14.

Essa homogeneidade se explica pela forma com que Jesus conta as parábolas. Nessa seção pode-se observar que o narrador sempre formula uma pergunta aos seus interlocutores que respondem por si mesmos (21, 31b-41), assumindo posteriormente por parte de Jesus um dito solene (21, 31c-32.42-44) (LUZ, 2003c). No que diz respeito à delimitação da perícopes, a expressão :αλληνπαραβολήν indica uma mudança de cena, uma vez que introduz outro elemento no discurso focando a complementaridade do dito anterior. Não somente isso, mas a expressão πα,lin de 22,1 parece estar relacionada à passagem anterior, indicando seu final e apontando para a unidade homogênea dos ditos, assim como, suas respectivas transições de cena.

4.2 Tradução bruta do texto⁴

(33) Ἄλλην παραβολὴν ἀκούσατε. Ἄνθρωπος ἡ/νοικοδεσπότης ὅστις ἐφύτευσεν ἀμπελῶνα, καὶ φραγμὸν αὐτῷ/περιέθηκεν καὶ ὥρυξεν ἐν αὐτῷ/ληνὸν καὶ ὥκοδόμησεν πύργον, καὶ ἐξέδετο αὐτὸν γεωργοῖς, καὶ ἀπεδήμησεν.	(33) Outra parábola ouvi. (um) Homem havia (um) dono de casa que plantou (uma) vinha e (uma) cerca dela pôs ao redor e cavou em ela (um) lagar e construiu (uma) torre e arrendou a mesma a lavradores e foi viajar.
(34) ὅτε δὲ ἤγγισεν ὁ καιρὸς τῷ/ν καρπῷ/ν, ἀπέστειλε τοὺς δούλους αὐτοῦ πρὸς τοὺς γεωργοὺς λαβεῖν/τοὺς καρποὺς αὐτοῦ/)	(34) Quando E se aproximou o tempo dos frutos, enviou os servos dele para receber os frutos dele.
(35) καὶ λαβόντες οἱ γεωργοὶ τοὺς δούλους αὐτοῦ/ὄν μὲν ἔδειραν, ὄν δὲ ἀπέκτειναν, ὄν δὲ ἐλίθοβόλησαν)	(35) E tomando os lavradores para os servos dele a um espancaram, a outro mataram, a outro apedrejaram.
(36) πάλιν ἀπέστειλεν ἄλλους δούλους πλείονας τῷ/ν πρώτων, καὶ ἐποίησαν αὐτοὶ/ζῶσαύτως.)	(36) Novamente enviou outros servos mais do que os primeiros e fizeram a eles semelhantemente.
(37) ὕστερον δὲ ἀπέστειλεν πρὸς αὐτοὺς τὸν υἱὸν αὐτοῦ λέγων Ἐντραπήσονται τὸν υἱόν μου.)	(37) Por fim E enviou a elas a um filho dele dizendo: Respeitarão o filho meu.
(38) οἱ δὲ γεωργοὶ ἰδόντες τὸν υἱὸν εἰ=πὸν ἐν αὐτοῖς/ς Ὁ ὠτόξ ἐστιν ὁ κληρονόμος· δευ/τε ἀποκτείνωμεν αὐτὸν καὶ σχω/μεν τὴν κληρονομίαν αὐτοῦ(	(38) Os maus lavradores vendo o filho disseram entre si mesmos: Este é o herdeiro; vinde matemos o mesmo e tenhamos a herança dele,

⁴ Os textos gregos utilizados para esse trabalho são de Nestle-Aland, *Novum Testamentum Graece*, 27ª ed.

(39) καὶ λαβόντες αὐτὸν ἐξέβαλον ἐξω τοῦ ἀμπελῶνος καὶ ἀπέκτειναν).	(39) E tomando a ele lançaram fora da vinha e mataram.
(40) ὅταν οὖν ἔλθῃ ὁ κύριος τοῦ ἀμπελῶνος, τί ποιήσει τοῖς γεωργοῖς ἐκεῖνοις;	(40) Quando pois vier o senhor da vinha, que fará aos lavradores aqueles?
(41) λέγουσιν αὐτῷ Κακοὺς κακῶς ἀπολέσει αὐτούς, καὶ τὸν ἀμπελῶ- να ἐκδώσει αἱ ἄλλοις γεωργοῖς, οἵτινες ἀποδώσουσιν αὐτῷ τοὺς καρποὺς ἐν τοῖς καιροῖς αὐτοῦ...	(41) Dizem a ele: (Aos) malvados horripelantemente destruirá a eles e a vinha arrendará a outros lavradores, os quais entregarão a ele os frutos em os tempos deles.
(42) Λέγει αὐτοῖς ὁ Ἰησοῦς Οὐδέποτε ἀνέγνωτε ἐν ταῖς γραφαῖς λίθον ὃν ἀπεδοκίμασαν οἱ κδομοὶ ντες, οὐ τοσὺ ἐγενήθη κεφαλὴ γωνίας παρὰ κυρίου ἐγένετο αὕτη, καὶ ἐστὶν θα- υμαστὴ ἐν ὀφθαλμοῖς ἡμῶν;	(42) Diz a eles Jesus: Nunca lestes em as Escrituras: Pedra que rejeitaram os construtores, esta se tornou em cabeça de esquina; da parte de (o) Senhor aconteceu isto e é maravilhoso em os olhos nossos?
(43) διὰ τοῦτο λέγω ὑμῖν ὅτι ἂν ῥηθῇ σε ταῖς φύμῳ ν ἡ βασιλεία τοῦ Θεοῦ καὶ ἂν ῥηθῇ σε ταῖς ἐθνεῖς ποιοῦν ντι τοὺς καρποὺς αὐτῆς...	(43) Por isso vos digo a vos que será tirado de vós o reino de Deus e será dado a nação que produzir os frutos dele.
(44) [[καὶ ὅπερ ἐπὶ τὸν λίθον τοῦ ν συνθλασθήσεται· ἐφ' ὃν δ' ἂν πέσῃ, λικμήσει αὐτόν]]	(44) [E o que cai sobre a pedra esta será despedaçado; sobre quem e cair reduzirá a pó ao mesmo.]
(45) Καὶ ἀκούσαντες οἱ ἀρχιερεῖς καὶ οἱ Φαρισαῖοι τὰς παραβολὰς αὐτοῦ ἐγνώσαν ὅτι περὶ αὐτοῦ λέγει	(45) E tendo ouvido os principais sacerdotes e os fariseus as parábolas dele entenderam que a respeito deles estava falando;
(46) καὶ ζητοῦντες αὐτὸν κερᾶν σαῖς ἐφοβήθησαν τοὺς ὄχλους, ἐπεὶ εἰς προφῆτην αὐτὸν εἶχον...	(46) E procurando a ele prender temeram as multidões, por que por profeta a ele tinham.

4.3 Quadro sinótico

Nosso próximo passo será apresentar um quadro sinótico com duas traduções diferentes em português, visando avaliar as diferenças encontradas. Far-se-á isso para melhor compreensão do texto e sua respectiva análise nas nuances mais significativas. Dessa maneira optamos por comparar as traduções de Almeida Revista e Atualizada e da Bíblia de Jerusalém.

Almeida Revista e Atualizada	Bíblia de Jerusalém
(33) Atentai noutra parábola. Havia um homem, dono de uma casa, que plantou uma vinha. Cercou-a de uma sebe, construiu nela um lagar, edificou-lhe uma torre e arrendou-a a uns lavradores. Depois se ausentou do país.(34) Ao tempo da colheita, enviou os seus servos aos lavradores, para receber os frutos que lhe tocavam. (35) E os lavradores, agarrando os servos, espancaram um e mataram a outro e a outro apedrejaram. (36) Enviou ainda outros servos em maior número; e trataram-nos da mesma sorte. (37) E por último enviou-lhes seu próprio filho dizendo: A meu filho respeitarão. (38) Mas os lavradores, vendo o filho, disseram entre si: Este é o herdeiro; ora, vamos, matemo-lo e apoderemo-nos de sua herança. (39) E agarrando-o, lançaram-no fora da vinha e o mataram. (40) Quando, pois, vier o senhor da vinha, que fará àqueles lavradores? (41) Responderam-lhe: Fará parecer horrivelmente a estes malvados e arrendará a vinha a outros lavradores que lhe remetam frutos nos seus devidos tempos. (42) Perguntou-lhes Jesus: Nunca lestes nas Escrituras: A pedra que os construtores rejeitaram, essa veio a ser a principal pedra, angular; isto procede do Senhor e é maravilhoso aos nossos olhos? (43) Portanto, vos digo que o reino de Deus vos será tirado e será entregue a um povo que lhe produza os respectivos frutos. (44) Todo o que cair sobre esta pedra ficará em pedaços; e aquele a quem ela cair ficará reduzido ao pó. (45) Os principais sacerdotes e fariseus, ouvindo estas parábolas, entenderam que era e a respeito deles que Jesus falava; (46) e conquanto que buscassem prendê-lo, temeram as multidões, porque estas o consideravam como profeta.	(33) Escutai outra parábola. Havia um proprietário que plantou uma vinha, cercou-a com uma sebe, abriu nela um lagar e construiu uma torre. Depois disso, arrendou-a a vinhateiros e partiu para o estrangeiro. (34) Chegada à época da colheita, enviou seus servos aos vinhateiros, para receber seus frutos. (35) Os vinhateiros, porém, agarraram os servos e espancaram um, mataram outro e outro apedrejaram o terceiro. (36) Enviou de novo outros servos, em maior número do que os primeiros, mas eles os trataram da mesma forma.(37) Por fim, enviou-lhes o seu filho, imaginando: “Respeitarão meu filho”. (38) Os vinhateiros, porém, vendo o filho confabularam: “Este é o herdeiro: vamos! matemo-lo e apoderemo-nos da sua herança”. (39) Agarrando-o, lançaram-no para fora da vinha e o mataram. (40) Pois bem, quando vier o dono da vinha, que fará a esses vinhateiros? (41) Responderam-lhe: “Certamente destruirá de maneira horrível esses infames e arrendará a vinha a outros vinhateiros, que lhes entregarão os frutos em tempo devido”. (42) Disse-lhes então Jesus: “Nunca lestes nas Escrituras: <i>“A pedra que os edificadores rejeitaram tornou-se a pedra angular; pelo Senhor foi eito isso e é maravilhosa aos nossos olhos?”</i> (43) Por isso vos afirmo que o Reino de Deus vos será tirado e confiado a um povo que o fará produzir seus frutos”. (44) Aquele que cair sobre esta pedra ficará em pedaços, e aquele sobre quem ela cair, ficará esmagado. (45) Os chefes dos sacerdotes e os fariseus, ouvindo estas parábolas, perceberam que Jesus se referia a eles.(46) Procuraram prendê-lo, mas ficaram com medo das multidões, pois elas o consideravam profeta.

Pode-se observar que as diferentes traduções não apontam elementos relevantes no que tange a interpretação. As denominações lavradoras e vinhateiros, parece sinalizar a mesma função, ou seja, trabalhadores arrendatários. Entretanto, alguns pontos chamam a atenção, como o acréscimo da frase “de uma sebe” que não aparece na versão de Almeida. Já no versículo 36 a tradução Almeida não consta a palavra novamente; o versículo 41 acrescenta a expressão “os chefes dos sacerdotes e os anciãos do povo” e o versículo 44 da expressão “será esmagado” substitui a “reduzido a pó” da tradução de Almeida, mas consideramos que essas pequenas diferenças não interferem na mensagem central do texto.

4.4 Subdivisão do texto

Optamos por uma subdivisão simples do texto, não levando em conta de forma cabal a estrutura proposta por Uwe Wegner (1998) que estabelece a observação de preposições, artigos, verbos, conjunções etc. Nossa opção metodológica foi por dividir o texto de forma simplificada. Dessa maneira, destacaremos somente os verbos que descrevem a ação dos personagens:

(33) Outra parábola ouvi. (um) Homem havia (um) dono de casa que plantou (uma) vinha e (uma) cerca dela pôs ao redor e cavou em ela (um) lugar e construiu (uma) torre e arrendou a mesma a lavradores e foi viajar.

(34) Quando se aproximou o tempo dos frutos, enviou os servos dele para receber os frutos dele. (35) E tomando os lavradores para os servos dele a um espancaram, a outro mataram, a outro apedrejaram.

(36) Novamente enviou outros servos mais do que os primeiros e fizeram a eles semelhantemente.

(37) Por fim e enviou a eles a um filho dele dizendo: Respeitarão o filho meu.

(38) Os maus lavradores vendo o filho disseram entre si mesmos: Este é o herdeiro; vinde matemos o mesmo e tenhamos a herança dele, (39) E tomando a ele lançaram fora da vinha e mataram.

(40) Quando, pois, vier o senhor da vinha, que fará aos lavradores aqueles?

(41) Dizem a ele: (Aos) malvados horivelmente destruirá a eles e a vinha arrendará a outros lavradores, os quais entregarão a ela os frutos em os tempos deles.

(42) Diz a eles Jesus: Nunca lestes em as Escrituras: Pedra que rejeitaram os construtores, esta se tornou em cabeça de esquina; da parte de (o) Senhor aconteceu isto e é maravilhoso em os olhos nossos?

(43) Por isso vos digo a vos que será tirado de vós o reino de Deus e será dado a nação que produzir os frutos dele.

(44) [E o que cai sobre a pedra esta será despedaçado; sobre quem e cair reduzirá a pó ao mesmo.] (45) E tendo ouvido os principais sacerdotes e os fariseus as parábolas dele entenderam que a respeito deles estava falando; (46) E procurando a ele prender temeram as multidões, por que por profeta a ele tinham.

Temos a subdivisão acima destacando alguns verbos diretamente ligados à ação dos personagens envolvidos na perícopes. Dando maior atenção para os verbos *ε;δεiran* (particípio aoristo indicativo ativo de *ειρω*), *'ape,kteinan* (particípio aoristo indicativo de *'apwktei,nw*), *ἐλιθοβόλησαν*, *ἀποκτείνωμεν* (particípio aoristo subjuntivo ativo de *ἀποκτείνω*), *σχω/μεν* (particípio aoristo ativo de *σχω*) e *λαβόντες* que parecem estar relacionados ao tema da violência.

4.5 Comparação dos paralelos sinóticos

Marcos 12, 1-4	Lucas 20, 9-11	Mateus 21, 33-35
1Depois, entrou Jesus a falar-lhes por parábola: Um homem plantou uma vinha, cercou-a de uma sebe, construiu um lagar, edificou uma torre, arrendou-a a uns lavradores e ausentou-se do país. 2No tempo da colheita, enviou um servo aos lavradores para que recebesse deles dos frutos da vinha; 3 eles, porém, o agarraram, espancaram e o despacharam vazio. 4De novo, lhes enviou outro servo, e eles o esbordoaram na cabeça e o insultaram.	9A seguir, passou Jesus a proferir ao povo esta parábola: Certo homem plantou uma vinha, arrendou-a a lavradores e ausentou-se do país por prazo considerável. 10No devido tempo, mandou um servo aos lavradores para que lhe dessem do fruto da vinha; os lavradores, porém, depois de o espancarem, o despacharam vazio. 11 Em vista disso, enviou-lhes outro servo; mas eles também a este espancaram e, depois de o ultrajarem, o despacharam vazio.	33 Atentai noutra parábola. Havia um homem, dono de casa, que plantou uma vinha. Cercou-a de uma sebe, construiu nela um lagar, edificou-lhe uma torre e arrendou-a a uns lavradores. Depois, se ausentou do país. 34 Ao tempo da colheita, enviou os seus servos aos lavradores, para receber os frutos que lhe tocavam. 35 E os lavradores, agarrando os servos, espancaram a um, mataram a outro e a outro apedrejaram.
Marcos 12:5-9 5Ainda outro lhes mandou, e a este mataram. Muitos outros lhes enviou, dos quais espancaram uns e mataram outros. 6Restava-lhe ainda um, seu filho amado; a este lhes enviou, por fim, dizendo: Respeitarão a meu filho. 7Mas os tais lavradores disseram entre si: Este é o herdeiro; ora, vamos, matemo-lo, e a herança será nossa. 8E, agarrando-o, mataram-no e o atiraram para fora da vinha. 9Que fará, pois, o dono da vinha? Virá, exterminará aqueles lavradores e passará a vinha a outros.	Lucas 20:12-16 12 Mandou ainda um terceiro; também a este, depois de o ferirem, expulsaram. 13 Então, disse o dono da vinha: Que farei? Enviarei o meu filho amado; talvez o respeitem. 14 Vendo-o, porém, os lavradores, arrazoavam entre si, dizendo: Este é o herdeiro; matemo-lo, para que a herança venha a ser nossa. 15 E, lançando-o fora da vinha, o mataram. Que lhes fará, pois, o dono da vinha? 16 Virá, exterminará aqueles lavradores e passará a vinha a outros. Ao ouvirem isto, disseram: Tal não aconteça!	Mateus 21:36-41 36 Enviou ainda outros servos em maior número; e trataram-nos da mesma sorte. 37 E, por último, enviou-lhes o seu próprio filho, dizendo: A meu filho respeitarão. 38 Mas os lavradores, vendo o filho, disseram entre si: Este é o herdeiro; ora, vamos, matemo-lo e apoderemo-nos da sua herança. 39 E, agarrando-o, lançaram-no fora da vinha e o mataram. 40 Quando, pois, vier o senhor da vinha, que fará àqueles lavradores? 41 Responderam-lhe: Fará perecer horivelmente a estes malvados e arrendará a vinha a outros lavradores que lhe remetam os frutos nos seus devidos tempos.

Marcos 12:10-11 10 Ainda não lestes esta Escritura: A pedra que os construtores rejeitaram, essa veio a ser a principal pedra, angular; 11 isto procede do Senhor, e é maravilhoso aos nossos olhos?	Lucas 20:17 17 Mas Jesus, fitando-os, disse: Que quer dizer, pois, o que está escrito: A pedra que os construtores rejeitaram, esta veio a ser a principal pedra, angular?	Mateus 21:42 42 Perguntou-lhes Jesus: Nunca lestes nas Escrituras: A pedra que os construtores rejeitaram, essa veio a ser a principal pedra, angular; isto procede do Senhor e é maravilhoso aos nossos olhos?
		Mateus 21:43 43 Portanto, vos digo que o reino de Deus vos será tirado e será entregue a um povo que lhe produza os respectivos frutos.
	Lucas 20:18 18 Todo o que cair sobre esta pedra ficará em pedaços; e aquele sobre quem ela cair ficará reduzido a pó.	Mateus 21:44 44 Todo o que cair sobre esta pedra ficará em pedaços; e aquele sobre quem ela cair ficará reduzido a pó.
		Mateus 21:45 45 Os principais sacerdotes e os fariseus, ouvindo estas parábolas, entenderam que era a respeito deles que Jesus falava;
Marcos 12:12 12 E procuravam prendê-lo, mas temiam o povo; porque compreenderam que contra eles proferira esta parábola. Então, desistindo, retiraram-se.	Lucas 20:19 19 Naquela mesma hora, os escribas e os principais sacerdotes procuravam lançar-lhe as mãos, pois perceberam que, em referência a eles, dissera esta parábola; mas temiam o povo.	Mateus 21:46 46 e, conquanto buscassem prendê-lo, temeram as multidões, porque estas o consideravam como profeta.

O escritor do texto de Mateus adapta o texto de Marcos, fazendo adendos e reescrevendo a parábola, o que torna sua narrativa bastante interessante. Entende-se que seu interesse em relatá-la dessa maneira, liga-se ao contexto em que está inserido, levando em consideração a situação política e econômica da comunidade.

Kümmel (1985) ressalta que o redator se afasta de Marcos quando lhe é inteiramente conveniente, e que o verdadeiro sentido teológico de Mateus, ao se apropriar de Marcos e modificá-lo, só pode tornar-se reconhecível, quando se presta atenção à grande ampliação do evangelho de Marcos, realizada pelo redator de Mateus. “Aproximadamente metade do Evangelho de Mateus não tem paralelo em Marcos. E desta metade, cerca de cinco nonos se encontra também em Lucas” (KÜMMEL, 1985, p.130-131).

A estrutura geral traz um breve anúncio no versículo vers.33a, de maneira, que a parábola propriamente dita é compreendida entre vers.33b-44. As duas frases temporais introdutórias vers.33a e 40 a articulam em duas partes a narração vers.34-39 e o diálogo final vers.40-44. Depois da exposição 33b, o relato conta como o senhor envia seus escravos e como eles são tratados pelos vinhadores vers.34ss. O relato paralelo do segundo envio aparece destacado, não só por uma indicação temporal (~usteron), mas, sobretudo, por que suas duas partes contém a autorreflexão correspondente, introduzida a primeira por legwn e a segunda por ei/ponevneautoi/j....

O redator do evangelho de Mateus utiliza-se do recurso de dramatização para atingir seu objetivo narrativo, que pode ser melhor expresso no versículo 37 do capítulo 21: “por fim enviou a eles o filho”. Nesse sentido há uma inversão do texto de Mateus no que tange ao expulsar e matar (’apwktei,nw). Tanto Lucas, quanto Mateus inverteram a sequência de expulsar e matar (versículo 39), que se pode fazer a ilação com a paixão de Jesus Cristo, no qual ele morreria fora da vinha (SCHNELLE, 2004).

A narrativa *mateana* não deixa dúvidas de que a morte do filho encontra-se sincronizada com as séries de atos violentos anteriores. Dessa maneira, a retratação por parte do narrador é focada e exposta na primeira parte do versículo 38, em que se nota a trocado pronome demonstrativo, *evkei/noi* (aquele), deixando somente *oi` de. gewrgoi.* (mas os lavradores). Já na segunda parte o narrador optou por colocar o verbo posteriormente *avpoktei,nwmen* (matemos), dessa forma observa-se a conotação que o mesmo pretendeu dar ao verbo *scw/men* (tenhamos), focando mais uma vez o tema da violência (LUZ, 2003c).

Com o versículo 40 começa a segunda parte, corta-se a narração e Jesus faz uma pergunta decisiva. Ela está formulada de tal forma que os ouvintes se sentem identificados com o proprietário que regressa vers.40 como na parábola anterior vers.31. O narrador se utiliza de um recurso estilístico e deixa seus adversários pronunciarem seu próprio juízo sem precisar fazê-lo vers.41, confirmando e interpretando estilisticamente esse juízo e, fazendo uma frase preparatória vers.42 (LUZ, 2003c).

Se tomarmos a parábola no sentido comparativo, tendo o evangelho de Marcos como matriz, observaremos que o eixo central da parábola de Marcos 12,2-5 é abreviada de forma radical em Mateus, de maneira que, são somente destacadas as descrições consideradas importantes na narrativa relato, isto é, a tarefa dos servos e, seguida das ações perversas dos vinhateiros.

Há ainda, na primeira parte do versículo 40 a frase parenética *o[tan ou=n e;lqh| o` ku,rioj tou/ avmpelw/noj* (quando pois vier o senhor da vinha), que está devidamente retratada, sinalizando para uma nova e dimensão na narrativa. A indagação dirigida aos demais personagens da cena exposta pelo narrador, tem uma resposta baseada na lógica da violência e opressão expressa no verbo *ἀπολέσει* (destruirá), ligado à consequência das atitudes delinquentes dos vinhateiros, relatados na parábola. O questionamento proporcionado trata da ação decisiva do *oivkodespo,thj* (dono da casa) em relação à sua vinha: *ti, poih,seitoi/j gewrgoi/j*

evkei,noij (O que fará àqueles lavradores). A resposta é imediata e contundente: kakou.jkakw/j avpole,seiauvtou.j (Aos malvados horivelmente destruirá)(v. 41).

Ainda, de acordo com a perspectiva do narrador de Mateus, a resposta é uma forma de fazer com que os interlocutores de Jesus, nesse caso, as principais autoridades judaicas, reflitam sobre a situação sentenciando, dessa maneira, sua autocondenação. Sendo assim, os adversários de Jesus são levados a emitir sua própria sentença, baseado naquilo que eles entendem como sendo lógica compensatória.

A narrativa aponta para uma sentença. A dinâmica da narração evidencia uma espécie de juízo, de forma introdutória com uma ilação bíblica ouvde,pote avne,gnwte evn tai/j grafai/j\ (nunca lestes nas escrituras?) (v. 42). A partir do versículo 42 a narração atinge conotações mais amplas, transicionando a cena e introduzindo paulatinamente a ideia de novos vinhateiros. O versículo 43 tem ligação explícita com o versículo 34, principalmente na questão dos frutos (karpo,j) . A teologia dos frutos é introduzida no relato, tornando-se um complemento em toda narrativa.

4.6 Análise das formas

A próxima etapa de nossa exegese consiste em pontuar de onde Mateus herdou a perícope e sua peculiaridade em relação à redação. Como já foi exposto acima, trata-se de um texto ampliado do evangelho de Marcos. Nosso próximo passo, então, é averiguar a alteração que o texto sofreu ao ser adotado por Mateus, ou seja, nas próximas páginas vamos estudar as peculiaridades da redação *mateana*. Mostraremos que esta perícope foi construída neste evangelho seguindo cuidadosamente a critérios formais típicos da literatura hebraica (LUZ, 2003c).

Quando analisamos o evangelho de Mateus, percebemos fórmulas genuínas do autor, por exemplo, no versículo 43: dia. tou/to le,gw u`mi/n. É mister

atentarmos para a relação do dia. tou/to com a estrutura do relato, que concomitantemente é inserido na narrativa como uma fórmula de introdução, dando sequência ao versículo anterior, compactando assim, todo o conjunto narrativo que se inicia no versículo 34 e se termina no versículo 39.

Sendo assim, a fórmula, estritamente estilística, aponta o diálogo final da narrativa (v. 40-44), que tem no versículo 43 a consequência da parábola. Sinalizamos algumas alusões em Mateus que o uso do o[ti é freqüente. Em 5,22a tem, por exemplo o uso de o[ti da seguinte maneira: evgw. de. le,gwu`mi/n o[ti. O mesmo pode ser notado em 5,28evgw. de. le,gwu`mi/n o[ti.

O emprego deo[ti pelo redator *mateano* está presente também em: 5,32; 12,36; 16,18; 19,9. Consequentemente, o emprego de o[ti pode ser observado sempre após uma observação parenética persistente, da mesma sorte em 8,11: le,gw de. u`mi/n o[ti polloi. avpo. avnatolw/n kai. dusmw/n h[xousin. Chegamos então, a conclusão que a redação é legitimamente do redator de Mateus.

Podemos afirmar que a fonte primária dessa perícope é Marcos 12, 1-12. As modificações que Mateus realizou em relação ao texto de Marcos podem ser entendidas como peculiaridades estilísticas, adaptações narrativas e melhorias, acomodações à Bíblia grega ou mudança de conteúdos explícitos. As poucas passagens que oferecem dificuldades não são base suficiente para postular outra fonte ou fonte adicional, são novos em relação a Marcos os versículos 43 e 44.

O versículo 43 não é demonstrado como redacional por conta da linguagem, por que o versículo vai ligar ao contexto menor e ao contexto maior do evangelho. Há uma dificuldade na apresentação da “pedra”, vers. 44, que só é conectada fragilmente com o vers. 43. Não se pode eliminar versículos em nenhum caso, mesmo se utilizando da metodologia da crítica textual. Dessa maneira, o autor parece estar inspirado na linguagem profética retratada em Isaías 8, 14 e Daniel 2, 44ss (LUZ, 2003c).

A análise das formas pode ser compreendida a partir “da soma das características estilísticas, sintáticas e estruturais de um texto, ou seja, o seu perfil linguístico” (WEGNER, 1998, p.167). Nesse sentido, a forma usada, via de regra, é composta de características estruturais subdivididas em três tópicos: uma breve descrição da situação geradora do conflito; uma pergunta crítica por parte dos opositores; uma resposta de Jesus (WEGNER, 1998).

4.7 Análise da tradição

De acordo com Luz (2003) para elucidar a história do evangelho de Mateus, assim como sua tradição e origem, tomando em conta o evangelho de Marcos. Necessita-se fazer algumas indagações. Uma delas diz respeito ao Evangelho de Tomé:

É a versão do Evangelho de Tomé (log 65), que não contém referências ao antigo testamento nem características alegóricas, e transmite mais o dito da pedra, valioso incluso como *logion* isolado (log 66=Mc 12, 10ss, Mt 21, 42) a versão mais original? (LUZ, 2003c, p.281)

Certamente as reflexões sobre o sentido da parábola na gnose cristã fazem-se, pelos menos, possíveis baseando-se na tese de que o Evangelho de Tomé eliminou tardiamente as características alegóricas do Antigo Testamento, pois não aborda o destino dos profetas e de Jesus em Israel, senão o destino do raio pneumático, gnóstico, no mundo da matéria perversa. A segunda questão que Luz (2003) aponta é se há por detrás da alegoria da história da salvação uma parábola não alegórica que se remonta até Jesus? De acordo com o autor há muitos estudiosos descobriram, em suas pesquisas, que a situação penosa dos trabalhadores nos latifúndios da época pode ser o fundo real da parábola.

Que os trabalhadores que trabalham no arrendamento se revoltam contra o proprietário e tentem apodera-se da fazenda é algo que já ocorreu na história. Mas há duas características que são alegorias extravagantes na parábola. A

primeira seria que os trabalhadores precedem de um modo brutal extremo contra os escravos, e especialmente contra o filho. Seria improvável que alcancem seus objetivos dessa forma, apropriando-se da fazenda. Da mesma sorte, é extravagante a conduta do proprietário, que reage com extrema reserva em relação ao delito de seus escravos, pondo em perigo com total irresponsabilidade a vida de seu filho.

Por esses exageros, a maioria dos estudiosos concordam que a parábola é um extrato básico de Marcos 12, 1-9a. No que diz respeito a estrita identificação do texto com as passagens do Antigo Testamento a palavra vinha, que ocorre quatro vezes na perícopes. Sinaliza para sua importância no que tange a tradição e para a mensagem do texto. A viticultura era uma prática importante da economia no Antigo Testamento. O relato bíblico do dilúvio descreve que Noé plantou uma vinha. No livro do profeta Isaías, Israel é uma videira trazida do Egito.

Os profetas usam a videira como símbolo do povo de Israel e, portanto, a destruição e a restauração da videira são comparadas a vida e à morte. No Novo Testamento Jesus descreve a si mesmo como uma “vinha verdadeira” e o Pai como “viticultor”. Por fim, nas parábolas, Jesus compara o Reino de Deus a uma vinha (SIQUEIRA, 2005, p.127).

O Termo envio é também uma indicação da tradição “do envio”, contido na Septuaginta, onde se emprega centena de vezes, no sentido de missão e estando vinculando essa expressão a uma tarefa específica.

A palavra escravo ou servo caracteriza subordinação, alguém que deve obediência absoluta a seu senhor. Sua ênfase no serviço permitiu que o termo ganhasse um novo sentido quando relacionado ao poder soberano de Javé.

Outra expressão que indica inserção da tradição no texto é o verbo apedrejaram que está relacionado à morte por apedrejamento, sendo grande sua importância contextual o significado da pedra. No a pedra é componente da vida do povo e apresenta um rico sentido teológico (SIQUEIRA, 2005). A citação do Salmo 118:22 em conexão com a parábola dos lavradores maus identifica Jesus como a “Pedra” principal que no seu sentido maior é a pedra que julga pedra de

tropeço, mas também pedra que edifica para a vida. A rejeição dos vinhateiros está contemplada na hermenêutica vetotestamentária:

Cercaram-me, e tornaram a cercar-me; mas no nome do Senhor eu as despedaçarei. Cercaram-me como abelhas; porém apagaram-se como o fogo de espinhos; pois no nome do Senhor as despedaçarei. Com força me impeliste para me fazeres cair, porém o Senhor me ajudou. A pedra que os edificadores rejeitaram tornou-se a cabeça da esquina. Salmos 118:11-13;22

A rejeição dos vinhateiros está contemplada também na hermenêutica neotestamentária. Vemos isto no discurso proferido Por Pedro em Atos há uma afirmação positiva de que Jesus é a pedra que estaria no caminho do povo: “Ele é a pedra que foi rejeitada por vós, os edificadores, a qual foi posta por cabeça de esquina” (ATOS 4:11). O Mesmo faz o Apóstolo Paulo ao interpretar que o fundamento dos profetas é Jesus a Pedra da esquina: “Edificados sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, de que Jesus Cristo é a principal pedra da esquina” (EFÉSIOS 2:20). O evangelho de marcos corrobora com essa interpretação: “Mas aqueles lavradores disseram entre si: Este é o herdeiro; vamos, matemo-lo, e a herança será nossa” (MARCOS 12:7).

5. HERMENÊUTICA

Essa terceira e última parte do trabalho concentrará em interpretar a perícope abordada, buscando a compreensão da parábola e o intuito do evangelista em retratá-la da forma com que foi registrada no relato bíblico. Nesse sentido, retornaremos as premissas da pesquisa expostas nos capítulos anteriores para fundamentar nosso argumento.

De acordo com Freyne (1996) e Overmann (1997) a Galileia é considerada como um espaço vivencial judaico, isto é, quando o mundo se helenizava através da influência grega e romana, a Galileia permaneceu isolada, como um espaço de resistência a influência estrangeira. Por isso formulou-se a tese de que a região era um local de difícil acesso, portanto, um “gueto” judaico como símbolo de fé.

Não obstante ser nessa localidade o centro difusor da fé cristã, que na concepção dos seguidores do movimento de Jesus, era uma forma de fé genuinamente judaica, entendida ainda como cumprimento das profecias messiânicas veterotestamentárias.

Por volta dos anos 70 aconteceu o fim da guerra judaica e, nesse contexto o judaísmo na região sírio palestinese sofreu algumas alterações, enfrentando, inclusive, algumas crises no que diz respeito à sua identidade. No cenário religioso que se desenhou, a partir desse período, o grupo com maiores chances de sobrevivência eram aqueles que ofereciam perdão de pecados, identidade, e aquelas que ofereciam espaços para aglutinação de pessoas.

O fim da Guerra Judaica, portanto, determinou um novo momento de conflito para os grupos da sinagoga, pois a presença romana já não era o elemento desestabilizador da comunidade; o problema era a periferia que toma o centro da religiosidade.

A destruição de Jerusalém e do Templo não foi apenas um golpe político para o povo de Israel. Significou também a destruição do centro cultural e religioso do povo. Na verdade, esses domínios convergem e coalescem na instituição e simbolismo do Templo. O Templo constituía a estrutura social e cósmica da sociedade israelita. Uma nova síntese religiosa-cultural era agora necessária para que o judaísmo sobrevivesse. Essa síntese e o processo de construção e emergência no período pós-70 são conhecidos como *judaísmo formativo*. Esse termo enfatiza a natureza fluida do judaísmo nesse período e também o fato de que, por algum tempo, o judaísmo esteve no processo de *vir a ser*, isto é, de consolidar-se, organizar-se e obter uma estrutura para garantir sua existência (OVERMANN, 1997, p. 45).

Um dos prismas que podem ser pontuados nessa conjuntura é a forma com que os grupos envolvidos na disputa tenta se impôr como hegemônico em relação aos demais. Nesse contexto, os movimentos messiânicos ganhavam, paulatinamente, espaço nessa disputa e passavam a ter aceitação popular pelo fato de conferirem aos envolvidos o sentimento de pertença religiosa.

Dessa maneira “na medida em que o *ethos* helenístico corroera alguns dos valores mais estáveis e conservadores da vida rural, o descontentamento era inerente à situação, e o movimento de Jesus teria, portanto, encontrado uma terra fértil para atuar” (FREYNE, 1996, p.189).

Não se pode esboçar um entendimento sobre o assunto somente a partir de uma abordagem teológica, uma vez que outros fatores se encontram representados no cenário que envolve as disputas do primeiro século palestinese. Dentre os quais se destacam questões sociológicas que auxiliam a compreensão do papel do movimento de Jesus como proposta alternativa à religiosidade institucional judaica.

A religião é tida como produtora de sentido e ao mesmo tempo em que interage com a sociedade, gera no sujeito religioso um sentimento de valor e pertença, que pode servir tanto com instrumento de alienação, quanto elemento de resistência. Dessa maneira por religião pode-se definir

Um sistema de símbolos que atua para estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens através da formulação de conceitos de uma ordem de existência geral e vestindo essas concepções com tal aura de fatualidade que as disposições e motivações parecem singularmente realistas (GEERTZ, 1989, p.104).

Soma-se a isso o fato de conferir ao sujeito um “poder simbólico” (BOURDIEU, 2002, p.9), que além de reforçar seus valores religiosos o impele a atuar em outros campos como imbuído de uma missão divina. Nesse sentido, favorece a relação entre o ser e o sagrado, que é entendida por Peter Berger como poder misterioso e receoso. Tal atividade constitui com o ser humano um relacionamento dialético, sendo ao mesmo tempo distinto e inerente. Dessa maneira

Uma das qualidades essenciais do sagrado, como é encontrado na “experiência religiosa”, é a alteridade, sua manifestação como algo *totaliter*, se comparado à vida humana comum, profana. É precisamente a alteridade que jaz no coração do temor religioso, do terror numinoso, da adoração que transcende totalmente todas as dimensões do meramente humano (BERGER, 1895, p. 97).

Podemos apontar que a disputa religiosa do século I palestinese transcende o campo meramente religioso e encontra ecos nas disputas sócio-políticas em que os diversos grupos à época se envolviam. O fator religioso torna-se apenas um componente na reafirmação da identidade ou negação de elementos culturais componentes das disputas sociais. Tais disputas trazem alguns elementos intrínsecos como, por exemplo, o direito e a dialética maioria-minoria e a luta por afirmação. Destarte, Homi Bhabha salienta que:

O “direito” de se expressar a partir da periferia do poder e do privilégio autorizados não depende da persistência da tradição; ele é alimentado pelo poder da tradição de se reinscrever através das condições de contingência e contradição que presidem sobre a vida dos que estão “na minoria”. O reconhecimento que a tradição outorga é uma forma parcial de identificação (BHABHA, 1998, p.16).

O papel do movimento de Jesus encaixa-se justamente naquilo que se pode denominar como “cultura de fronteira”, ou seja, tem relação com a tradição, mas ao mesmo tempo aponta para um elemento novo, reivindicando para si elementos de identificação que constituem o *ethos* de determinado grupo. Nesse caso, proto-movimento identificado por Mateus, foca os galileus como centro de resistência de fé judaica e primeiros representantes da fé cristã.

5.1 Proposta Hermenêutica

Uma das propostas de nosso trabalho é apresentar uma leitura alternativa à convencionalmente abordada nos círculos acadêmicos, por isso “lança mão” de perspectiva literária para fundamentar suas posições. Louise Schottroff (2007), sinaliza para a interpretação dessa parábola focando os grupos oprimidos, que, traumatizados por pelo regime de violência e opressão dos romanos, apontam para a resistência pacífica como um caminho possível para suprimir o ciclo de violência que os palestinos do século I estavam submetidos.

Dessa maneira, a perspectiva literária teria o objetivo de apontar que:

Para os ouvintes estaria claro que essa revolta não levaria a nada. A parábola questiona as pretensões dos novos senhores à herança e à posse. O reconhecimento da inutilidade da violência dos arrendatários poderia levar à seguinte pergunta: Há outras maneiras de fazer valer nossas reivindicações?(SCHOTTROFF, 2007, p.30).

Ao contrário da abordagem “tradicional”, a interpretação proposta vai no sentido de compreender as imagens retratadas na parábola desvinculadas de uma leitura eclesiológica, comumente adotada ao longo dos anos por diversos estudiosos do Novo Testamento.

Dois motivos justificam essa postura. O primeiro é que a parábola sinaliza para um discurso de Jesus, reconstruído ao longo da composição do evangelho, fruto de uma recomposição textual. O segundo motivo é que a interpretação das

parábolas deve diferenciar a codificação (figura parabólica) e as subsequentes decodificações e análise social. Um exemplo desses adendos foi apontado por Schottroff em outra passagem que trata do tema da violência.

A relação que se faz com as guerras e ameaças de guerras que perpassam as conjunturas históricas do século I d.C, precisa ser melhor compreendidas à luz das narrativas literárias. As explorações econômicas da população por parte do governo romano e as tentativas judaicas de resistência criaram no imaginário popular uma mentalidade de “medo de guerra iminente” e o consequente medo por seus desdobramentos (SCHOTTROFF, 2007).

Por isso o intuito do narrador é apontar para uma pergunta reflexiva que instigue aos ouvintes a reflexão de que não se resolve o problema da violência com mais violência. O fato de Jesus não responder a pergunta deixando com que seus interlocutores e ouvintes o fizessem aponta para um caráter pedagógico de seu ensino, que visa superar a dialética do opressor-oprimido, típica de regimes autoritários como era o sistema romano.

Entende-se que a proposta de Jesus é de superação das contradições entre os dominadores e dominados, opressores e oprimidos, instigando tanto em seus discípulos, como nos grupos que rivalizam disputando a hegemonia religiosa palestina.

Um dos pensadores contemporâneos que soube compreender de forma magistral essa proposta foi o pedagogo Paulo Freire, que em seu livro, *Pedagogia do Oprimido*, indica que o melhor caminho para a superação das contradições e desejo de justiça é a superação do opressor que se hospeda no sujeito oprimido.

Reconhecemos que, na superação da contradição opressores-oprimidos, que somente pode ser testada e realizada por estes, está implícito o desaparecimento dos primeiros, enquanto classe que oprime. Os freios que os antigos oprimidos devem impor aos antigos opressores para que não voltem a oprimir não são opressão daqueles a estes. A opressão só existe quando se constitui um ato proibitivo do *ser mais* dos homens. Por esta razão, estes freios, que são necessários, não significam, em si mesmos, que os oprimidos de ontem se tenham transformado nos opressores de hoje (FREIRE, 1970, p.26).

A imagem dessa parábola pode ser entendida como codificação em que as personagens podem ser entendidas como figuras ou formas de imagens retratadas a partir da realidade de determinado grupo. Tais figuras, precisam, portanto, ser decodificadas para que a realidade social descrita possa ser mais bem compreendida. A parábola termina com uma pergunta: “o que fará o proprietário da vinha?”.

Para os ouvintes estaria claro que essa revolta não levaria a nada. A parábola questiona as pretensões dos novos senhores à herança e à posse. O reconhecimento da inutilidade da violência dos arrendatários poderia levar à seguinte pergunta: Há outras maneiras de fazer valer nossas reivindicações? (SCHOTTROFF, 2007, p.30).

Temos, portanto, subsídios necessários para entender que a parábola em questão trata do tema da não violência e a consequente superação do binômio opressor-oprimido. A proposta do Reino de Deus apresentada por Jesus, vai no sentido da superação de conflitos e apontamento para a paz como elemento articulador na instauração do mesmo.

5.2 Análise teológica da Perícope

A Perícope em questão leva-nos a algumas inquietações, principalmente no que se tocante às imagens utilizadas por Jesus em sua construção, e que, tal como citamos anteriormente também nos remete ao texto do profeta Isaías. Retomemos agora algumas destas questões.

Alguns autores como Joachim Jeremias se utilizaram dessa passagem para expressar de forma alegórica e eclesiológica a relação de Jesus com a Igreja. Nessa perspectiva, a identificação se faria da seguinte maneira. Os arrendatários seriam os líderes e regentes de Israel, os emissários, seriam os profetas e o filho seria o próprio Cristo. A punição dos arrendatários seria a rejeição de Israel por Deus e os outros, as quais a vinha passa a pertencer, são a igreja dos denominados “pagãos” ou cristãos gentios.

De acordo com a crítica literária, a parábola original de Jesus, compreenderia apenas os versículos de 1 a 8, sem as referências de Isaías 5, apresentadas nos versículos 1 e 5b. Tal parábola corresponderia à realidade em todos os seus detalhes, inclusive no envio do filho, refletindo a disposição revolucionária dos colonos galileus contra os latifundiários estrangeiros, fruto da influência do zelo-tismo nativo na Galileia.

O que nos interessa, de fato, é o sentido original dessa parábola. Inicialmente, a questão que nos inquieta é a escolha da vinha, o autor poderia fazer alusão a outras plantas, entretanto escolhe a videira, qual seria o motivo da utilização desta imagem? É possível que isto tenha ocorrido porque a videira sempre esteve presente no cotidiano do povo de Israel. As uvas e o vinho apresentam-se como alimentos indispensáveis para esta cultura.

Algumas interpretações associam esta vinha com Israel, que neste período, apresentava um discurso exclusivista, crendo que eram os eleitos de Deus. Todas as imagens utilizadas por Jesus na construção dessa parábola apontam para a aplicação do texto de Isaías 5.

Certamente o leitor familiarizado com a literatura bíblica tende a compreender que o proprietário simboliza Deus, sendo que os demais atores representariam os momentos críticos históricos de Israel. Porém, como temos utilizado alguns recursos literários apontamos para o sentido original da parábola como a retratação de uma realidade histórica em sentido figurado, ou seja, simbólico para denunciar uma situação de opressão e violência sofrida pelo povo galileu com o consentimento das autoridades judaicas.

Uma vez que os recursos literários utilizados ao longo da redação de Mateus têm a função de retratar uma realidade social de forma que os destinatários da mensagem possam entendê-la (ABADÍA, 2000). Freyne aponta para o pano de fundo da construção do evangelho sinalizando para seu caráter político e social, altamente influenciado pela dominação romana.

Os males da dominação política (5,4), da injustiça social (5,5), da licenciosidade sexual (5,8) e da violência (5,9) são todos eles pressupostos como presentes no mundo social de Mateus, e ao longo de toda obra é-nos dada uma imagem mais clara das formas que eles de fato tomam. Já deparamos com Herodes, cuja matança das crianças inocentes deixou muito luto em Belém e vizinhança (2, 16-18), mas o assassinato brutal de João Batista (14, 1-10) é um aviso aos galileus de que também perto de casa semelhante opressão pode ocorrer contra aqueles cuja posição religiosa é percebida como ameaça política (10, 16-20). A presença deste poder político no contexto imediato se descreve graficamente como aquele que pode obrigar outros a carregar suas bagagens na estrada (5, 41; cf. 27, 32). O filho do proprietário ausente que perdeu sua vida de modo que os arrendatários criminosos herdassem sua propriedade sem respeito pelos direitos de propriedade dos demais (21, 38) é um exemplo de alguém que é vítima da injustiça social na história contada por Mateus (FREYNE, 1996, p.70).

Depreende-se, a partir do que foi exposto que mais do que uma influência veterotestamentária e aplicação dos ditos proféticos à realidade vivida pela comunidade, o intuito de Mateus é fazer uma denúncia social, através de valores religiosos da cultura de Israel.

Temo ainda um imbróglio no que diz respeito a figura do proprietário da vinha, seria esta uma referência ao próprio Deus? Ou havia outra intenção por parte do autor do texto? Muitos pesquisadores costumam associar a imagem do proprietário a Deus, afirmando que, nesta perícopes temos uma alusão ao plano de salvação descrito de Gênesis até a morte e ressurreição de Jesus, que neste caso seria o herdeiro, outro personagem desta alegoria, mas Louise Schottroff aponta para o sentido real da parábola.

A parábola narra um conflito violento entre latifundiários de sua vinha. Investigações de cunho histórico-social (M. Hengel, 1968; W. Schottroff, 1999) mostraram que a parábola coincide em todos os seus detalhes como a realidade da vida agrícola da Palestina. Não é apropriado, portanto, recorrer a motivos literários ou corpos estranhos alegoricamente significativos para explicar essa narrativa parabólica (SCHOTTROFF, 2007, p.24).

Diante do exposto não podemos identificar a figura do arrendatário com Deus, pois isso seria recorrer a uma interpretação, excessivamente alegórica, sem

levar em consideração os aspectos histórico-sociais, e muito menos a natureza literário do evangelho de Mateus.

E os servos? A quem o autor estaria se referindo? Seguindo as interpretações feitas anteriormente, a associação mais comum seria aos profetas, que nas narrativas do Antigo Testamento. Mas de acordo com nossa proposta esses correspondem aos latifundiários palestinos, que em muitas situações se viam endividados por conta de sua prestação de serviços aos ricos proprietários.

O herdeiro, nessa situação, era “nos termos do direito privativo, representante plenipotenciário de seu pai que eventualmente também estava apto a fazer valer os direitos da posse de seu pai pela via legal diante dos tribunais locais” (SCHOTTROFF, 2007, p.26). O que expressa de forma cabal o conflito de classes no primeiro século palestino.

Uma informação presente no final desta perícopa também chama atenção: o registro de Mateus é diferente do que encontramos nos evangelhos de Lucas e Marcos; ao final destes textos há uma pergunta que parte de Jesus para as autoridades que ali estavam. Ele diz: “*Quando pois vier o senhor da vinha, que fará aos lavradores aqueles?*” (v.40) – para Lucas e Marcos a resposta é proferida pelo próprio Jesus. Entretanto, no registro de Mateus a resposta parte do público.

Por que há esta diferença? Muitos acreditam que Mateus segue uma lógica diferente dos outros evangelistas, pois, acreditava que Jesus veio para trazer paz e justiça, diferente da proposta apresentada pelos líderes da época. De maneira que sua proposta é a proposta do *shalom*, a paz judaica, que se oporia frontalmente à proposta da *pax romana*, que se caracteriza por ser “uma paz armada”.

Antes de analisar a teologia da perícopa, procuramos examinar também, a teologia do livro de Mateus que, para Kümmel:

(...) Escreve sua nova síntese a partir de Marcos, ampliando-o um livro destinado à comunidade, respondendo, assim, às necessidades de comunidades cristãs específicas, necessitadas urgentemente de um reconhecimento de Jesus como o Cristo, no embate contra o judaísmo contemporâneo (10,17), e também de uma orientação, mediante a palavra de Jesus, tanto na realidade cotidiana na vida da Igreja (18,15ss e 28,19) como nas decisões de índole moral (19,1ss)(KÜMMEL, 1985, p.146).

5.3 Contribuições do Redator Mateano

Portanto, o redator *mateano* oferece aos leitores instruções dando ênfases nas predições veterotestamentárias, as quais para a comunidade do presente encontram seu pleno cumprimento na história e nos ensinamentos de Jesus.

Assim, podemos entender melhor a teologia da perícopa estudada, a partir da teologia crítica com viés literário, pois o redator *mateano* apresenta uma estreita relação entre Deus com os seres humanos; próprio de sua narrativa, pois ele proporciona uma teologia tendenciosa de proporcionar essa relação Deus (*Théos*) / homem (*anthropós*), comparando com a parábola dos lavradores maus, ou seja, senhor / servo: Mateus 10,25: o` dou/lojw`j o` ku,rioujauvtou/; 13,27: oi` dou/loitou/ oivkodespo,tou; e também em 20,1.11.

O redator, portanto, deixa claro que este homem é um oivkodespo,thj “proprietário”, ou “dono da casa”; essa adaptação constitui teologicamente também a relação entre o senhor da vinha e os vinhateiros. Assim, a sua audiência perceberá a responsabilidade que lhe é devida de tornar ao proprietário os frutos da sua vinha; e isso se dá logo na abertura da parábola. Portanto, a relação oivkodespo,thj/ gewrgoi/j advertirá as consequências decorrentes dessa adequação teológica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em conexão com a passagem de Isaías 5.2 ss já citada anteriormente, o redator *mateano* imprime, já no final do verso 33, por meio do verbo na voz média, uma nova dinâmica ao seu relato, já que na antiga tradição de Israel não se falava de arrendamento e arrendatários. Trata-se de uma história no aspecto da antiga vinha de Isaías, porém com novos subsídios, mostrando assim toda capacidade criadora do redator. É possível também, algumas interpretações, que estejamos diante de um contexto social bem definido na região da Galileia.

Observando a abordagem a partir de uma perspectiva literária do evangelho permite a identificação da intenção do autor e sua proposta de narrativa dos eventos marcantes da vida de Jesus e seu movimento na Galileia, geografia que foi berço da formação humana de Jesus, onde Ele passou boa parte de Sua vida de forma oculta. O termo, vida oculta, é usado para referir-se a Jesus, no período que vai desde sua apresentação no Templo até o seu batismo.

O único episódio que temos neste período é Jesus aos doze anos no meio dos doutores. Muito se tem falado e especulado sobre este período da vida do Messias, porém, as referências bíblicas não nos garantem nada a respeito disso. Na visão deste sinótico o tema que perpassa o enredo motivacional do Messias foi o Reino e suas implicações.

Num primeiro momento, pode parecer que a rejeição ao Reino seja somente uma questão político-social, que com certeza também é, mas não só. A fala de Jesus mexe com o coração do homem. Fala em sua vida. Suas palavras questionam ações, posturas, sentimentos. Toca na moral, na forma de agir. Não é só uma questão de poder. Mas obviamente, que o anúncio do Reino não poderia deixar de incomodar os poderosos. Já que a ideia do Reino de Deus é completamente oposta ao que se tinha até então como verdade. Parece ficar evidente o medo de perder o poder político assolava aqueles poderosos. Mas, Jesus não se intimidava diante deles.

O cenário, os embates a descrição dos momentos de tensão, tudo isso faz parte da composição literária do autor, que a partir da utilização de dados históricos e acontecimentos significativos para a comunidade galileia dominada para formatar um texto rico em detalhes e com um componente ideológico comprometido com a justiça e contestação do *status quo* romano.

De forma simplista, mas não equivocada, dizemos que os pobres acolheram a mensagem e o anunciador. Os ricos desprezaram o anúncio e o anunciador. Pobres e ricos aqui, não só na questão financeira, social. Mas antes de tudo nos apegos pessoais, em suas ideias próprias. Quem se apega a si, a suas ideias, a seus projetos, mesmo que não tenha muito dinheiro, também é rico. Rico de si mesmo. O projeto do Reino de Deus é justamente o oposto, é enriquecer-se de Deus. De sua vontade, de seus desígnios.

Jesus está dizendo por meio do evangelho Mateano, a partir da abordagem que fizemos, que “O Reino de Deus está próximo, e, portanto, a mensagem é, convertei-vos”. Aderir ao projeto do Reino, é antes de tudo, aceitá-lo. Assim, o Reino começa no coração do homem, que acolhe o anúncio, trasborda pelas mãos, através das nossas ações, e assim vai se concretizando o Reino.

Outro detalhe observado é que num primeiro momento, pode parecer que a rejeição ao Reino seja somente uma questão político-social, que com certeza também é, mas não só. A fala de Jesus mexe com o coração do homem. Fala em sua vida. Suas palavras questionam ações, posturas, sentimentos. Toca na moral, na forma de agir.

Não é só uma questão de poder. Mas obviamente, que o anúncio do Reino não poderia deixar de incomodar os poderosos. Já que a ideia do Reino de Deus é completamente oposta ao que se tinha até então como verdade.

Na mentalidade dos judeus, ser rico, saudável, ter terra, filhos homens, era considerado sinais da bênção de Deus. Agora, vem um anúncio diferente, que proclama bem-aventurados os pobres, pois deles é o Reino! Como pode um Messias governar? São os ricos e poderosos que devem governar.

E agora, no Reino de Deus, não serão mais eles, os ricos, que governam, mas Deus. Será o Messias, o Cristo! Com certeza, o medo de perder o poder político assolava os poderosos. É só retornarmos ao nascimento de Jesus e ver o medo de Herodes quanto ao Rei que iria nascer. Quando olhamos para a postura do fariseu, relatada por Mateus, entregue à observância de uma Lei em que vê plasmada a vontade de Deus, todo mandamento é igualmente importante, pois cada um expressa a mesma vontade suprema.

O decisivo é obedecer a Deus, seja no que for; e toda a vida, até nos mínimos particulares, tem que ser exercício desta obediência. A obsessão de ser fiel ao pormenor eclipsa a relação pessoal com Deus. A relação homem-Deus se converte na relação homem-Lei. E é isso exatamente o que Jesus não gosta deles, o excessivo legalismo, que acaba ficando mais perto da hipocrisia do que da fidelidade a Deus.

Jesus disse às multidões e aos seus discípulos que doutores da Lei e fariseus, faziam todas as suas ações religiosas só para serem vistos pelos outros. Disse Ele: “Gostam dos lugares de honra nos banquetes e dos primeiros lugares nas sinagogas” Mt 23:1-6. Parece-nos que muitos dos atritos vividos por aquelas pessoas contempladas nos escritos Mateanos, como a agressividade, a sutiliza, as divisões das classes sociais ainda são tabus a serem vencidos pela sociedade hodierna.

Uma releitura do *módus vivendi* daquele povo poderemos identificar com muitas práticas na sociedade latino-americana. Dessa maneira utilizamo-nos não somente da crítica redacional, como da abordagem literária do texto que busca a compreensão mais ampla das questões interligadas ao ambiente redacional da obra.

E ainda partindo dessa premissa oferecemos um caminho para que a partir daqui outras obras possam surgir usando a crítica literária como ferramenta. Essa proposta abre campo para futuros trabalhos da área de pesquisa bíblica, sobre-

tudo na interface entre teologia e literatura, que ganha cada vez mais espaço no universo acadêmico brasileiro.

O enredo da trama privilegia perspectiva dos explorados e espoliados pela política romana, tendo na tensão do espaço urbano e sua expansão, a grande contestação. Os embates e conflitos ideológicos elegem como vilão não somente o império, mas o ambiente citadino, que se viu invadido e aviltado pela política de dominação e expansão.

Com isso a leitura pelo prisma literário do evangelho de Mateus, torna-se cada vez mais atraente e instigante, levando sempre o leitor à reflexão sobre os limites do “progresso” e as consequências dos empreendimentos desenfreados para a população trabalhadora. Uma experiência vivida por aqueles encontrados por Mateus, mas, que pode ser encontrada em qualquer época na história da Humanidade.

REFERÊNCIAS

- ABADÍA, J.T.S. **A Bíblia como literatura**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- BENTO XVI. **Jesus de Nazaré**. São Paulo: Planeta, 2007.
- BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. Petrópolis: Vozes, 1985.
- BERGER, P. **O dossel sagrado**: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulinas, 1985.
- BHABHA, H. K. **O local da cultura**. Minas Gerais. Editora UFMG, 1998.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- CAMACHO, F.; MATEOS, F. **O Evangelho de Mateus**. São Paulo: Edições Paulinas, 1993.
- CARNEIRO, M. S. **Jesus, a Torá e os Nebîm, e o Pleno Cumprimento da Justiça em Mt 5,17-20**: Uma análise exegético-teológica. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (Dissertação de mestrado), 2008.
- CARTER, W. **O Evangelho de São Mateus**: comentário sociopolítico e religioso a partir das margens. São Paulo: Paulus, 2002.
- CHOTTROFF, L. **As parábolas de Jesus**: uma nova hermenêutica. São Leopoldo, 2007.
- CROSSAN, J. D. **O Nascimento do Cristianismo**: O que Aconteceu nos Anos que se seguiram à execução de Jesus. São Paulo: Paulinas, 2004.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.
- FREYNE, S. **A Galiléia, Jesus e os evangelhos**. Enfoques literários e investigações históricas. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- KOESTER, H. **Introdução ao Novo Testamento**². História, cultura e religião no período helenístico. São Paulo: Paulinas, 2005.

- KÜMMEL, W.G. **Introdução ao Novo Testamento**. São Paulo: Paulinas, 1985;
- LIMA, A.O. **Acumulai Tesouros no Céu**: estudo da linguagem econômica do evangelho de Mateus. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo (Dissertação de Mestrado), 2010.
- LUZ, U. **El evangelioségun San Mateo**. Vol. I. Salamanca: EdicionesSígueme, 2005.
- MAZZAROLO, I. **Evangelho de São Mateus. Ouvistes o que foi dito aos antigos...? Eu, porém, vos digo...! Coisas velhas e coisas novas!** Rio de Janeiro: Mazzarolo editor, 2005.
- MEARS, C., HENRIETA. **Estudo Panorâmico da Bíblia**. Editora Vida. São Paulo 11ª. Primeira edição 1999.
- MIGUEZ, Nestor; RIEGER, Joerg; SUNG, Jung Mo. **Para além do espírito do Império: novas perspectivas em política**. São Paulo: Paulinas, 2012.
- MYERS, C. **O evangelho de São Marcos**. São Paulo: Paulus, 1992.
- NOGUEIRA. P. **O que é Apocalipse**. São Paulo: Brasiliense, 2008.
- OVERMAN, J. A. **O Evangelho de Mateus e o Judaísmo Formativo: o mundo social da comunidade de Mateus**. São Paulo: Edições Loyola, 1997.
- Pós-graduação em Cultura Teológica - especialização lato sensu - 2015J - **EVANGELHOS SINÓTICOS E ATOS DOS APÓSTOLOS**. www.peduportaleducacao.com.br.
- SALDARINI. A.J. **A comunidade de Judaico-cristã de Mateus**. São Paulo: Paulinas, 2000.
- STEGEMANN, E., W. **História Social do protocristianismo: os primórdios no judaísmo e as comunidades de Cristo no mundo mediterrâneo**. São Leopoldo: Sinodal, 2004.
- STORNIOLO, I. **Como Ler o Evangelho de Mateus: o caminho da justiça**. São Paulo: Paulus, 2011.

SOBRE O AUTOR

Clodoaldo dos Reis Azarias

Mestre em Ensino pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Licenciatura Plena em Pedagogia pela Faculdade de Pinhais. Bacharel em Teologia pela Faculdade Evangélica do Piauí. Graduação em Teologia - Seminário Evangélico Avivamento Bíblico. Especialização em Educação Especial e Inclusiva e Neuropsicopedagogia pela FAVENI-FACULDADE VENDA NOVA DO IMIGRANTE. Especialização em Educação a Distância com Ênfase na Formação de Tutores pela FACULDADE UNINA, UNINA. Pós-graduação em Ensino Religioso, pela FAVENI-FACULDADE VENDA NOVA DO IMIGRANTE. Especialização em Cultura Teológica, Pela Faculdade Católica Dom Bosco. Especialização em Metodologia do Ensino de Filosofia e Sociologia, área de Conhecimento em Educação, pela Faculdade de Pinhais. Especialização em Gestão escolar, Orientação Educacional, Supervisão Escolar, pela Faculdade São Paulo. Professor da Prefeitura Municipal de Foz do Iguaçu, PR.

O EVANGELHO DE MATEUS

NUMA PERSPECTIVA
LITERÁRIA

www.terried.com
contato@terried.com
(55) 99656-1914



TERRIED